



memórias

20 anos
Escola Secundária de Cantanhede

David Porto
96

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO:

Isabel Cristina;
Madalena Toscano;
Maria Vitória

CAPA E FOTOGRAFIAS:

José Paixão

LOGOTIPO:

César Marques
12.º 2A - 1997/98

DESENHO DA CAPA:

David Paulo
12.º 2A - 1995/96

ILUSTRAÇÕES:

Marly Custódio
12.º 2A - 1997/98

COLABORADORES:

António Cabral;
Carlos Catarino;
Abílio Simões

EDIÇÃO:

Escola Secundária de Cantanhede
(Comemoração dos 20 anos)

Produção Gráfica:

Gráfica Cantanhedense, Lda.
N.º de Exemplares: 500
Depósito Legal N.º 125216

MEMÓRIAS

CELEBRAÇÃO DOS 20 ANOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE

PREFÁCIO

Ao iniciarem-se os preparativos para a festa dos vinte anos da Escola, entre as muitas ideias que então brotaram, surgiu a de fazer um livro.

Tratar-se-ia de trazer ao conhecimento de todos pequenos factos, incidentes deste ou daquele dia, situações vividas por A, B ou C, ignoradas da maioria e quase caídas no esquecimento dos próprios intervenientes.

É que, se é importante festejar o aniversário da Escola num ano especial, julgámos que seria curioso rebuscar os arquivos dos que, ao longo dos anos, por aqui passaram e apresentar à luz do dia o que a maior parte das pessoas não soubera ou em que não reparara na altura.

Confiávamos, evidentemente, na excelente qualidade e nos dotes artísticos de muitos que apenas esperavam um estímulo para se tornarem artistas da palavra.

Muita gente se apressou a mandar a sua colaboração.

E as MEMÓRIAS aí estão, saudosas, irónicas, maliciosas, ternas, nostálgicas, enfim, muito variadas, como a própria vida.

Isto para não falar de um outro ponto focado no livro: as informações objectivas que, quem sabe, alguns que mudaram de Escola ou até mesmo de zona de residência, gostarão de rever.

Será também muito interessante para a história da Escola Secundária de Cantanhede saber quem foram os elementos dos vários Conselhos Directivos desde os seus primórdios e ficar mesmo com as suas imagens fotográficas, actuais, antigas ou... de quando ainda não eram directores de nada, mas já ameaçavam vir a ser importantes neste país ou... pelo menos... nesta Escola...

Vão gostar, com certeza, de relembrar caras e reviver histórias através desta obra tão pequena de tamanho mas tão grande de intenções.

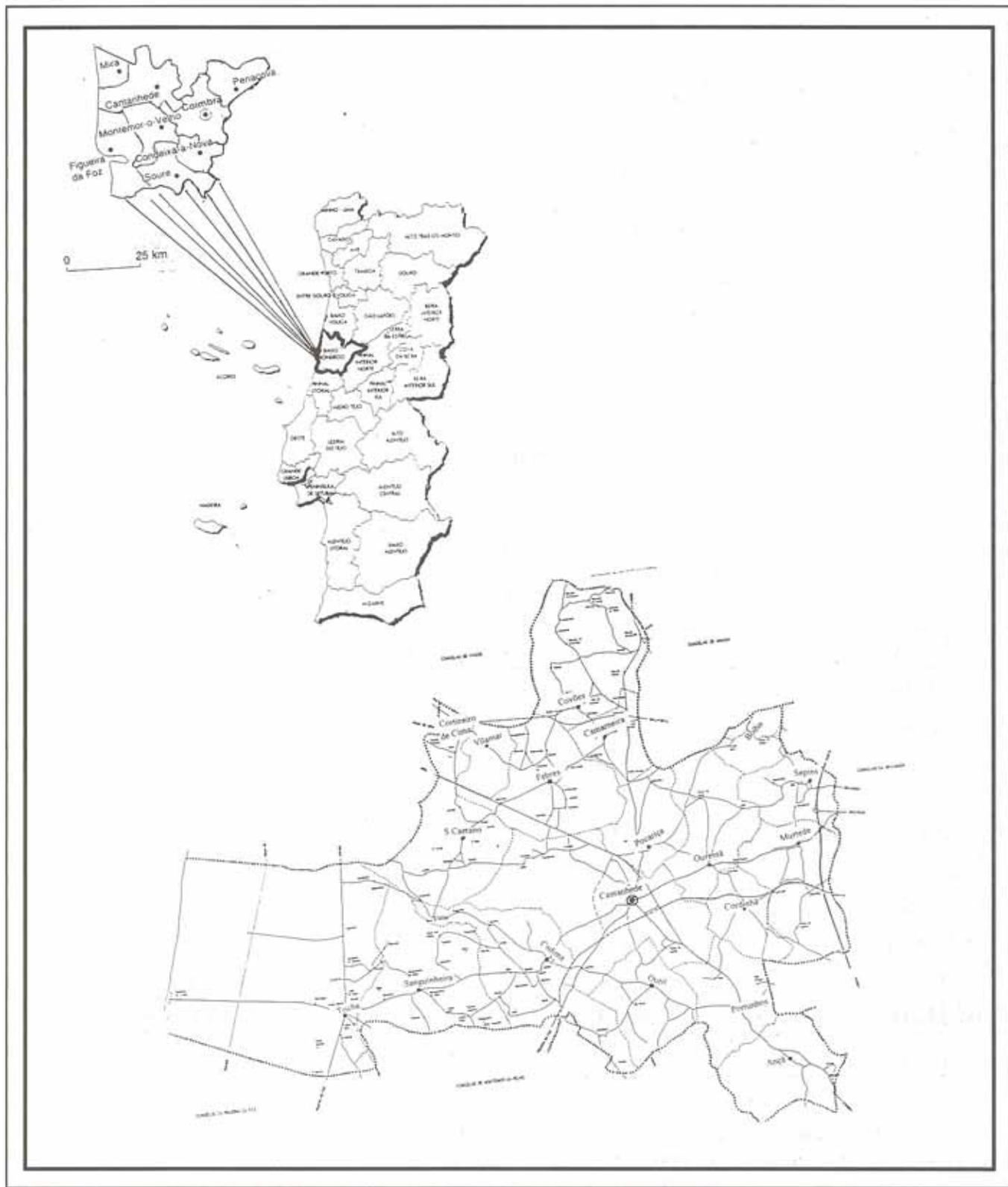
Lurdes Boavida



Vista Aérea

PUBLIVOO - Publicidade e Imagens Aéreas, Lda.

ENQUADRAMENTO DO CONCELHO DE CANTANHEDE EM VÁRIOS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS



O CONCELHO DE CANTANHEDE LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GERAL

Cantanhede é um concelho que pertence ao distrito de Coimbra e à Região Centro.

O concelho com 39 600 há é o mais vasto do distrito de Coimbra, sendo um dos oito municípios que constituem a sub-região programa Baixo Mondego. Esta sub-região é uma das oito em que se encontra definida a Região Centro, cada uma de delimitação próxima das chamadas unidades territoriais estatísticas de nível 3 (NUT 3), e que são o Baixo Mondego, Baixo Vouga, Cova da Beira, Dão-Lafões, Pinhal Interior, Raia e Serra da Estrela.

O concelho é constituído por 19 freguesias: Anã, Bolho, Cadima, Cantanhede (sede de concelho), Camameira, Cordinhã, Corticeiro de Cima, Covões, Febres, Murtede, Outil, Ourentã, Pocariça, Portunhos, Sanguinheira, S. Caetano, Sepins, Tocha e Vilamar.

O território do concelho fica integrado numa situação de transição entre a Bairrada e a Gândara, numa área de

periferia do litoral português embora próximo de Coimbra, Figueira da Foz e Aveiro, principais pólos de desenvolvimento económico mais próximos.

No concelho subsistem, ainda, marcas significativas de uma ruralidade tradicional em algumas áreas, observáveis quer na estrutura do povoamento, quer no modo de vida de parte da população. No entanto, nos últimos anos tem-se assistido a algumas transformações associadas a uma terceirização difusa ou centrada nos principais aglomerados populacionais.

Acresce que vastas áreas do concelho foram tocadas pelo fenómeno emigratório, que conduziu a uma mobilidade sócio-profissional bem como a padrões de consumo com reflexos no espaço.

O concelho foi marcado, também, por uma dinâmica demográfica, bem como por alterações recentes na estrutura social.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE

Pela análise do quadro 1 o concelho de Cantanhede entre 1960 e 1991 viu diminuir a sua população residente, situação que se registou também nos outros concelhos que constituem a NUT (BAIXO MONDEGO), com excepção

de Figueira da Foz e Coimbra, o que poderá estar relacionado com a acção polarizadora das cidades de Figueira da Foz e de Coimbra.

Áreas Geográficas	Ano	Ano	Ano
Concelhos	1960	1881	1991
Cantanhede	41303	38717	37140
Coimbra	106404	138930	139052
Condeixa-a-Nova	13555	13257	13027
Figueira da Foz	57631	58559	61555
Mira	13384	13299	13257
Montemor-o-Velho	27925	27274	26375
Penacova	18704	17351	16748
Soure	26575	22570	21704
Nut Baixo Mondego	305481	329957	328858

Quadro 1 – Evolução da população residente

A variação da população residente foi de 1960 a 1981 cerca de - 6,26%, enquanto de 1981 a 1991 de - 4,1%.

O período de maior taxa emigratória foi o período de 1965 a 1975, tal como se verificou no distrito de Coimbra.

Nos anos 80 começa a verificar-se um retorno e ao mesmo tempo uma diminuição da emigração.

Anos	Saldo fisiológico	Nº Emigrantes Perm.
1976	165	115
1977	171	84
1978	87	103
1979	117	184
1980	198	162
1981	149	177
1982	112	148
1983	111	75
1984	91	47
1985	-8	79
1986	-9	95
1987	47	115
1988	-98	113
1989	-11	-
1990	-92	-
1991	-58	-
1992	-112	-
1993	-99	-
1994	-85	-
1995	-160	-

Quadro 2 – Evolução do saldo fisiológico e do número de emigrantes permanente a partir de 1976 no concelho de Cantanhede
Fonte: INE

NÍVEL DE INSTRUÇÃO / TAXA DE ANALFABETISMO. POPULAÇÃO SEGUNDO A INSTRUÇÃO

A taxa de analfabetismo tem vindo a baixar quer no concelho quer na NUT.

Os valores registados no Baixo Mondego (Nut 3) em 1991 estão muito próximo do valor nacional (11% em 1994), mas muito superior aos países menos desenvolvidos da U.E. (Irlanda, Espanha e Grécia) com 4,8% em 1994.

O concelho de Cantanhede está, portanto, numa situação de periferia bem como o País relativamente à U. Europeia (Quadro 3).

	Taxa Analf.		Ens. Prim.		Ens. Prep.		Ens. Sec.		Outros	
	1981	1991	1981	1991	1981	1991	1981	1991	1981	1991
Áreas Geog.										
C. Cantanhede	21,5	13,5	31,2	50,5	8,5	13,9	4,0	13,1	1,4	3,6
Baixo Mondego	22,5	11,1	30,6	42,6	9,5	11,5	8,3	20,2	4,0	8,7

Quadro 3: Taxa de analfabetismo; níveis de ensino em 1981 e 1991

Fonte: autor sobre dados do INE

EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ACTIVA. TAXA DE ACTIVIDADE

Tal como se referiu, o concelho é marcado ainda por características de ruralidade. Apesar de uma diminuição significativa da população activa no sector primário de 1981 para 1991, esta é ainda elevada.

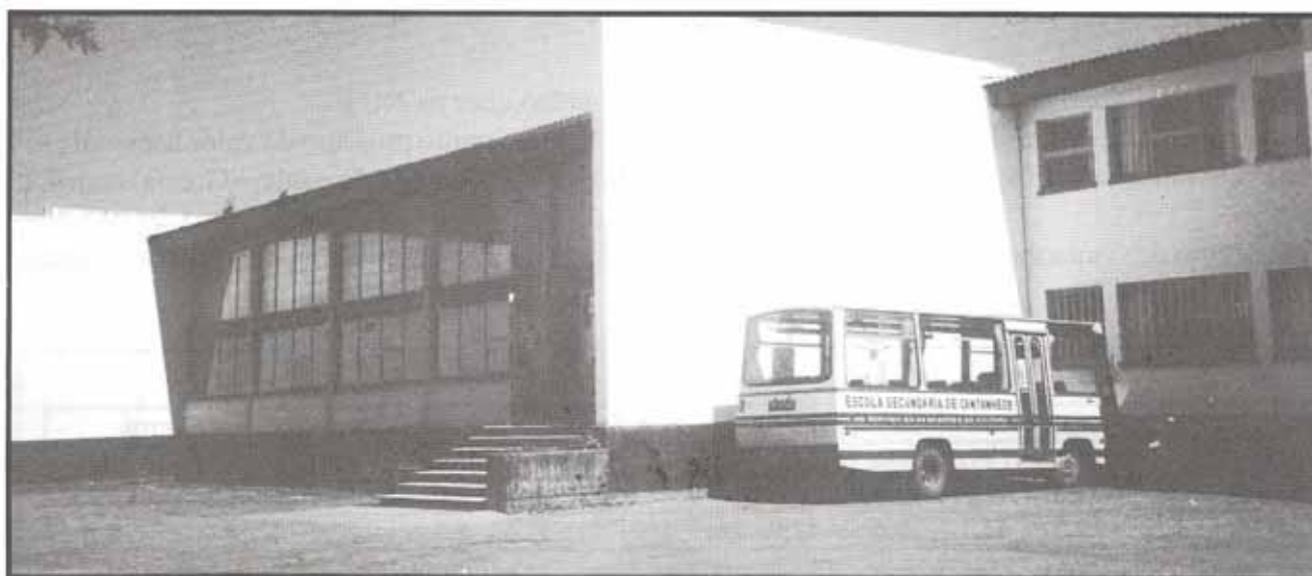
O sector secundário pouco se alterou. A mudança mais significativa verifica-se no sector terciário (Quadro 4).

Áreas geog.	Primário		Secundário		Terciário	
	1981	1991	1981	1991	1981	1991
C. Cantanhede	54.9	35.7	23.2	25.6	21.9	38.7
Baixo Mondego	23.6	17.8	32.0	39.8	44.4	42.5

Quadro 4: População segundo os sectores de actividade

Fonte: autor sobre dados do INE

11º Grupo A



Entrada do Polivalente e "Princezinha"

PONTES PARA O AMANHÃ

1998

Sem dúvida um ano fecundo em eventos comemorativos.

A Expo 98 aí está a marcar a ligação entre um passado enraizado no mar e um futuro que se pretende feito de respeito e apreço pelos oceanos.

A ponte Vasco da Gama, na mesma linha, inaugura a transição entre o aquém e o além-ser português.

Numa pequena e recente cidade bem perto do litoral, uma *escola-gente* comemora os vinte anos de uma *escola-espaço de gente*.

Fazer transição é construir pontes.

Esta foi (já) a gestão da transição.

Procurámos construir pilares, ligar margens.

A margem da escola em fim de ciclo de uma experiência de projecto educativo, de uma experiência de modelo de gestão, dos primeiros passos na autonomia, do finalizar de duas décadas de construção de identidade, vai poder agora ligar-se à margem da escola em início de ciclo de novos projectos (também educativos), de uma renovada gestão com um modelo definido e assumido, do avanço na autonomia, da descoberta e amadurecimento de uma identidade.

Voltemos ainda à ponte.

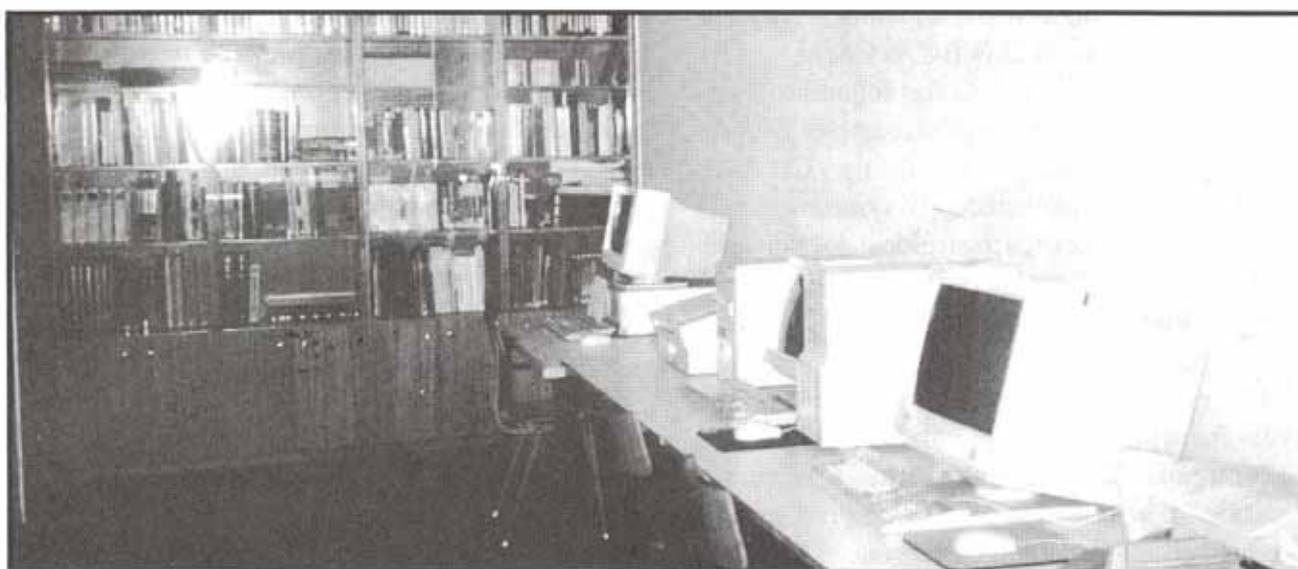
E voltemos a 1998 e às comemorações que, em Dezembro, serão já outras.

Cinquenta anos depois da aprovação desse documento dignificante da civilização humana que é a Declaração Universal dos Direitos do Homem demos o pontapé de saída neste constante desafio que é construir a escola como *espaço-gente*.

A escola não pode ser um campo de batalha onde se confrontam professores, alunos, pais, funcionários e gestores, um lugar onde as diferenças ditadas pelas circunstâncias da vida e pelas funções que cada um ocupa se sobrepõem à dignidade e ao valor intrínseco de cada ser humano. É urgente começar a perceber a escola como um campo de entendimento mútuo, um estaleiro de construção do mundo, onde cada um contribui, com diferentes funções e diferentes saberes, para erguer a ponte que nos ligará ao século XXI.

BOA TRAVESSIA, ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE!

Bastardo, Aurélio, Raquel, Maria Manuel - 1997/98



Centro de Recursos

MÃOS À OBRA!

O ano lectivo de 1997/98 abriu com a seguinte informação: "Comemoração dos 20 anos da Escola". Adiantaram-se algumas sugestões, solicitaram-se outras, tudo envolto ainda em grande névoa, muito difuso... muito distante, ou, pelo menos, parecia. Afinal, estávamos apenas a começar o ano lectivo.

Algumas semanas passaram e não se falou mais no assunto. Não obstante, a nossa ampulheta tinha começado a sua contagem decrescente e era urgente encaminhar a longa maratona. O sinal de partida foi dado pelo Chefe, com a nomeação de duas comissões. A primeira, a de honra, constituída por todos os ilustres que assistiram ao nascimento da menina Escola e ainda não tinham cortado o cordão umbilical, continuando a zelar pelo seu bom funcionamento. A estes, convinha homenagear. A segunda, a organizadora, bem menos ilustre, mas mais esforçada, viria a ser designada oportunamente. E a oportunidade não se fez esperar. A escolha dos "felizes" eleitos recaiu numa estranha conjugação do verbo trabalhar: aliou-se o espírito prático da Economia à exactidão da Química (não fossem os cálculos sair errados e a Escola abrir falência!); a criatividade estética das Belas-Artes à sensibilidade poética da Língua Materna; a burocracia da Secretaria (papelada era preciso!) à eficiência das telecomunicações, tudo sob o olhar atento da História, personificada na figura de Sua Ex^a, o Chefe.

Começara então a estafeta das segundas-feiras (dia oficial das reuniões), no sugestivo cenário destinado às Acções de Formação (antigo CD) que, de repente, se viu transformado em quartel-general das Comemorações. Pacífica mas ruidosa foi a invasão do "retiro do Loureiro" que não teve outra alternativa, a não ser partilhar as visitas dos candidatos a créditos com os indisciplinados organizadores.

Do emaranhado novelo de actividades a desenvolver era preciso encontrar o fio condutor à sua execução. Elaborou-se um programa, planificaram-se actividades e começaram a chover telefonemas pedindo orçamentos. Enviaram-se S.O.S. para angariação de fundos a tudo quanto era instituição; visitaram-se lojas para apreciação de artigos; viajou-

se de Coimbra ao Porto para assegurar a qualidade dos trabalhos; receberam-se emissários de publicidade, tudo assumido com o profissionalismo próprio de quem não está habituado a estas coisas, mas não se quer deixar enganar.

Enviaram-se convites aos presentes e aos ausentes, a directores, presidentes e ministros, como convém a efemérides desta natureza; promoveram-se concursos, tendo em vista a descoberta de novos talentos para a edição de um CD; espalharam-se cartazes por aldeias e pela cidade; publicitou-se o acontecimento nos "media" de modo a que ninguém (professores, funcionários e alunos) fosse esquecido.

Alguns meses passaram. Tudo se encaminhava a passos largos para a meta final. Era tempo de deixar o casulo, palco de laborioso trabalho, e de ir decorar outras plateias, acordar as consciências adormecidas para o que se estava a passar. Muitos não se tinham ainda dado conta da azáfama que pululava nos bastidores! Invadiu-se então a Sala de Professores com cartazes, Pin's e medalhas, numa atitude de marketing pouco usual. Enfeitaram-se as lapelas de professores e alunos com o logotipo da Escola, numa ostentação orgulhosa desta Casa, que é a sua, querendo assim, voluntariamente, marcar a diferença através da sigla E.S.C.

Não quisemos o impossível. Pretendemos apenas, com as limitações próprias deste género de iniciativas, comemorar com dignidade estes vinte anos de existência. Alguma coisa se fez. Muito há ainda por fazer, mas como equipa de trabalho destas comemorações, esta foi, sem dúvida, uma maratona que tivemos orgulho em percorrer.

A Comissão Organizadora:

António Bastardo
Celestino Reis
Isabel Cristina
José Paixão
Madalena Toscano
Maria Alice Gaspar
Maria Vitória Neves

HINO

CIDADÃOS DA LIBERDADE

Eu tenho o Presente do Indicativo
Vivo no meu peito, prestes a soltar
O ar do meu peito, o Cantar de Amigo,
Comigo do jeito que em mim consigo
Encontrar à força de muito cantar.

Eu tenho o futuro no meu peito, Amigo,
Vivo a conjugá-lo a todas as horas;
Se choras com medo, vem cantar comigo
Que eu digo o Futuro do Plural contigo
Vivo nesse sonho em que, comigo, moras.

Refrão:

**Cantanhede, Cantanhede,
Tenho sede de aprender
A lição da novidade
(A lição da novidade)**

**Dá-me sede, Cantanhede,
De descobrir-me e de ser
Cidadão da Liberdade
(Cidadãos da liberdade)!**

Joaquim Jorge Carvalho



Cidadãos da Liberdade

CONSELHO DIRECTIVO

(de 1977 a 1993)

1977/78



Maria Fernanda Pena
PRESIDENTE



Maria Eugénia Rodrigues
VICE-PRESIDENTE



Maria de Lurdes Boavida
SECRETÁRIA



Manuel de Sousa Pinho
VOGAL



António Oliveira Seabra
VOGAL

1978/1979 - 1979/1980



Maria Lidia Martins
PRESIDENTE



Maria do Carmo Ordonhas
VICE-PRESIDENTE



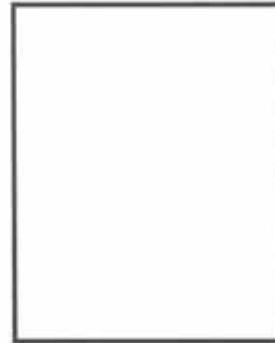
Maria Helena Carneiro
VOGAL



Raquel Blanco
VOGAL



Manuel de Sousa Pinho
SECRETÁRIO



Maria Emilia Cruz
VOGAL

1980/1981
1981/1982



Maria de Lurdes Boavida
PRESIDENTE



Maria João Anjo
VICE-PRESIDENTE



Raquel Blanco
SECRETÁRIA



Maria Alcide
VOGAL



Fernanda Carvalho
VOGAL



Artur Furtado
VICE-PRESIDENTE

1982/1983



José Raposo
PRESIDENTE



Mário Rasteiro
VICE-PRESIDENTE



Celeste Raimundo
SECRETÁRIA



Américo Rocha Silva
VOGAL



Fátima Costa
VOGAL

1983/1984
1984/1985



Américo Rocha Silva
PRESIDENTE



Mário Rasteiro
VICE-PRESIDENTE



Aurélio Malva
SECRETÁRIO



Maria Luísa Rocha
VOGAL



Celeste Raimundo
VOGAL

1985/86
1986/87



Mário Rasteiro
PRESIDENTE



Aurélio Malva
VICE-PRESIDENTE



Carlos Catarino
SECRETÁRIO



Sidónio Couceiro
VOGAL



Helena Nolasco
VOGAL

1987/1988
1988/1989



Mário Rasteiro
PRESIDENTE



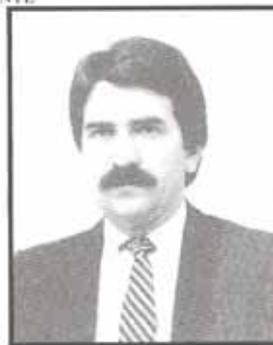
Carlos Catarino
VICE-PRESIDENTE



Sidónio Couceiro
SECRETÁRIO

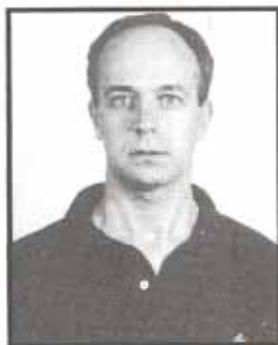


Fernanda Carvalho
VOGAL



Mário Cartaxo
VOGAL

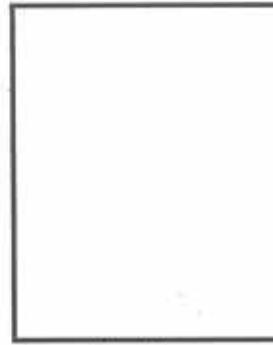
1989/90
1990/91



António Bastardo
PRESIDENTE



Idálio Timóteo
VICE-PRESIDENTE



Alda Marques
SECRETÁRIA



Pilar Carreiro
VOGAL



José Jorge
VOGAL

1991/1992 - 1992/1993



António Bastardo
PRESIDENTE



Litério Monteiro
VICE-PRESIDENTE



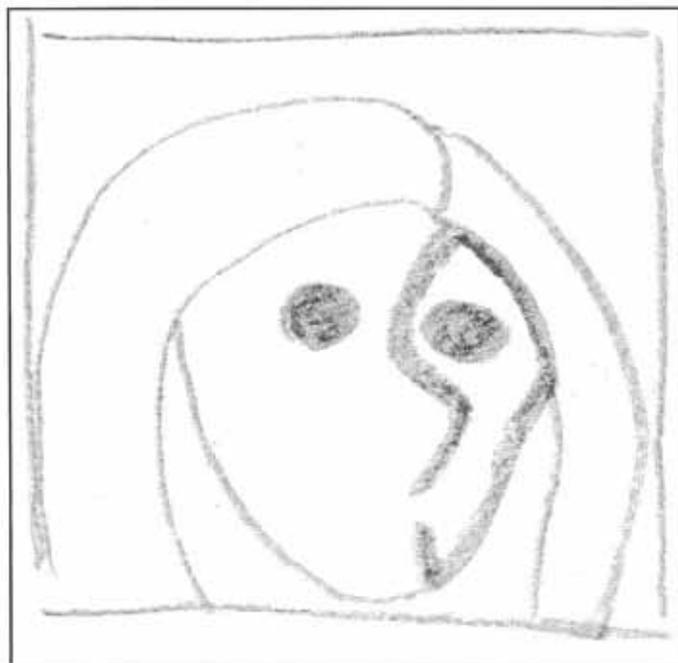
Manuel de Jesus
SECRETÁRIO



Orlando Neto
VOGAL



Luís Ala
VOGAL



ÓRGÃO DE GESTÃO

(de 1993 a 1998)

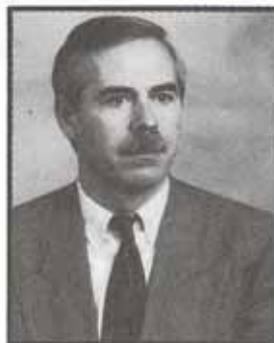
1993/94



António Bastardo
DIRECTOR EXECUTIVO



Orlando Neto
ADJUNTO



Litério Monteiro
ADJUNTO



João Luís Nunes
ADJUNTO

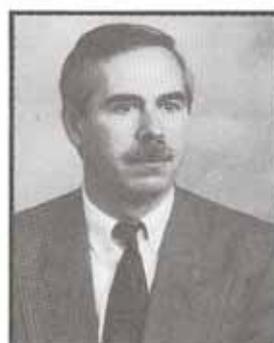
1994/95 - 1995/96



António Bastardo
DIRECTOR EXECUTIVO



Orlando Neto
ADJUNTO



Litério Monteiro
ADJUNTO



Clara Póvoa
ADJUNTO

1996/97



António Bastardo
DIRECTOR EXECUTIVO



Litério Monteiro
ADJUNTO



Orlando Neto
ADJUNTO



Clara Póvoa
ADJUNTO



Graça Pratas
ADJUNTO

1997/98



António Bastardo
DIRECTOR EXECUTIVO



Aurélio Malva
ADJUNTO



Raquel Blanco
ADJUNTO



Maria Manuel Matos
ADJUNTO

CANTANHEDE

Foi em setenta e cinco
Quando tudo era incerto,
Que a Cantanhede chegámos
Uns de longe, outros de perto.

Nas Assembleias animadas,
Alguns discursos brilharam,
Eram futuros Ministros
Que logo ali se destacaram.

A vida na escola velha
Era digna de registo;
Colégio, hospital, pré-fabricados
Correrias que só visto.

Mas não muito longe dali
Crescia uma escola diferente,
Levou tempo a acabar
Mas acolheu bem a gente.

Bem se lembra a Maria Eugénia
Das agruras da mudança;
Valeu-lhe o doutor Pires
Que ajudou na contradação.

Democratas de 1ª água
Abrimos a porta aos pais,
Quisemos explicar-lhes tudo,
Íamos saindo aos ais.

A vida na escola nova
Era alegre, divertida,
Queríamos mantê-la bonita
Em casa de todos convertida.

Não havia nas redondezas
Escola tão cobiçada,
Cantanhede era a Escola
Para ser sempre lembrada.

Fui a 1ª Presidente
Eleita em Democracia,
Geri-la não foi coisa fácil,
Mas deu-me muita alegria.

Entre as situações complicadas
Uma fica para lembrar,
Convencer o Director Geral
A um concurso não anular.

Deslocámo-nos a Lisboa
Com selo branco e tudo,
Queríamos à força usá-lo
Perante um Director sisudo.

A última festa na Escola
Deu-nos muito que fazer,
Tínhamos tudo embandeirado
Para a chuva receber.

Comeu-se sardinha à chuva,
O palco exterior não foi usado;
Valeu-nos o Cabral Pinto
Com teatro bem ensaiado.

Fernanda Pena



"Quando hoje as vemos, tantas, tão bonitas, parece-nos mentira"

Estórias Entrelaçadas

O fio da minha vida e o da Escola Secundária de Cantanhede estão de tal modo entrelaçados que quase não sei onde começa e acaba cada um deles.

Cheguei a Cantanhede, no Outono quente de 1974, trazendo na mochila um filho bebé. Em 1975/76, entrei para um Conselho Directivo... de Esperanças, porque vivíamos todos na esperança de mudar para a nova Escola, em construção, e de «esperanças» estiveram também, ao longo do ano, a Leocádia, a Fernanda Carvalho e eu. (Não se podia ser mulher naquele Conselho Directivo! Naquele e noutros futuros, que o digam a Fernanda Pena e a Carmo Ordonhas, que também tiveram rebentos durante os seus mandatos!).

Em 1976/77, o Conselho Directivo mudou, eu continuei, as minhas «esperanças» repetiram-se e a construção da Escola estava nos seus acabamentos. Visitávamo-la de vez em quando, saíamos enlameados e fazendo planos para o novo ano lectivo. E concluímos que devíamos mudar antes do início das aulas.

E foi assim que, no dia 24 de Outubro de 1977, nasceu esta Escola. O parto não foi dos mais fáceis. A Fernanda Pena, presidente do Conselho Directivo,

concorrera para Coimbra e tinha sido colocada no D. Duarte. Pedira uma comissão de serviço para acabar aqui o seu mandato, mas a resposta ainda não chegara. Um outro elemento, o Pinho, era professor provisório e o resultado dos concursos não viera, por isso ele não estava ao serviço. A minha gravidez aproximava-se do seu termo, razão por que a Eugénia Rodrigues, vice-presidente, andava preocupadíssima com a mudança, visto ter como único elemento válido o Seabra para a acompanhar.

Dias antes, numa noite de insónia, escrevi um ofício para o Ministério, explicando a nossa situação e pedindo, encarecidamente, que despachassem, com urgência, o caso Fernanda Pena. A D. Fernanda da Secretaria (não esta que temos agora, mas a outra, a Fernanda Silva) quando leu, comentou: «- Que choradinho este!». «- É choradinho, é, mas mande-o lá, a ver se eles têm pena de nós!». E resultou, porque pouco depois a Fernanda estava cá.

Mas não a tempo de assistir ao nascimento da Escola, na primeira reunião de professores que se realizou no dia 24 de Outubro. Eu também faltei, porque o meu rapaz, adiantando-se, decidiu vir à luz numa cinzenta tarde de sexta-feira, dia 21, depois de

uma manhã e de um pós-almoço de trabalho. E a Eugénia, ordenando-me que corresse para a maternidade, ficou ainda mais sozinha nesse laborioso fim-de-semana. Julgo que apoiada pela Maria Alcide, visto terem-me visitado as duas, à tardinha, estava eu já com o meu pimpolho ao lado.

A minha criança nasceu com tanta pressa que não tinha ali, à mão, a roupa para vestir, mas a criança-Escola não estava melhor. O mobiliário não tinha chegado, teve de se remediar com o que veio da Escola velha. O bloco B, se não me falha a memória, não tinha luz. Ninguém festejou o nascimento da pobre menina, não houve champanhe nem corte de fita, porque não estive presente ninguém importante (creio, ainda hoje, que tomámos a Escola de assalto, clandestinamente, como então estava em moda).

E depois?

Depois... tudo se foi ajeitando.

A Fernanda veio, o Pinho regressou, o meu bebé cresceu, o mobiliário foi chegando aos poucos e estávamos todos contentes, porque tínhamos uma casa nova, bem melhor que os vários barracões em que vivíamos. O C. D. era pequenino, o cubículo onde agora habita o Zé Luís Loureiro. Na sala dos professores (o actual C. D.), a conversa era fatalmente uma só, porque não havia espaço para grupos e toda a gente tomava parte em todos os assuntos, até quando se tratava das «intimidades» do Zé Baía.

E depois... a criança viveu momentos de aventura e de risco, sobressaltou os pais. Quem não se lembra da fuga de um grupo de alunos que o carro do Pinho «perseguiu» por esse país fora, até trazê-los de volta, numa acção «policial» perfeita, depois de um agitadíssimo dia em que a Escola funcionou como um centro, onde chegavam as informações e os pedidos de informação mais contraditórios?

E quando ia acontecendo uma cena de tiros que pôs tudo e todos em alvoroço?

E quando... e quando... e quando... Impossível relatar tudo o que me vem à cabeça. Bom, mau, de tudo me lembro. Mas tenho de parar.

A Escola transformou-se numa linda rapariga.

Árvores grandes, frondosas, mas a arborização foi uma tarefa ciclópica. O terreno era pedregoso, de má qualidade e foi difícil fazer nascer as primeiras. Quando hoje as vemos, tantas, tão bonitas, parecemos quase mentira.

Num dos primeiros anos, consultámos técnicos especializados (do Buçaco? da Mealhada?) para nos indicarem as espécies convenientes, de acordo com a zona e o terreno. A Câmara Municipal forneceu o sempre indispensável apoio. A Associação de Estudantes esteve presente, num sábado de manhã, para segurar as pequenas árvores a estacas que as protegessem. Todos cumpriram a sua missão, excepto S. Pedro, que nos brindou com um tão tórrido Verão, que de mais de uma centena restou apenas uma escassa meia dúzia, se tanto. Não tínhamos ainda sistemas de rega sofisticados! Felizmente outros Cs. Ds., outras As. Es. tiveram mais sorte e hoje a nossa Escola, para além das muitas árvores, tem relva, tem flores, para não falar das belas plantas de interior que foram sempre uma realidade desde a primeira hora.

O tempo desliza, a vida não pára. Conselhos Directivos variados, outros professores, novos alunos, tarefas diferentes. Os bebés de há vinte anos voaram do ninho, a nossa menina cresceu, eu estou numa de saudade, revivendo histórias, lembrando colegas, acompanhando gerações e gerações de jovens que foram passando...

Esta casa fez-se vaidosa: carpetes no chão, cortinas nas janelas, toalhas nas mesas...

Jovens artistas, ao longo dos anos, foram deixando as suas marcas: quadros nas paredes, vitrais bem bonitos e este ano, como prenda de aniversário, uns que ainda não tinham nascido quando a Escola viu a luz do dia, ofereceram-lhe uma medalha comemorativa e um logotipo que, em emblemas, na parede fronteira à entrada e em toda a correspondência, passará a funcionar como o seu símbolo de qualidade. A qualidade de uma Escola a que temos orgulho de pertencer.

Lurdes Boavida

TESTEMUNHO

Era Setembro de 1975 quando fomos colocados na Escola Secundária de Cantanhede. Uma lei diferente do habitual obrigava os professores que tivessem menos de 10 anos de serviço, e que quisessem efectivar, a deixar Coimbra, Porto e Lisboa. Estudadas as distâncias e contabilizada a existência de Curso Complementar, a nossa opção tomava como alvo Cantanhede.

Estávamos na febre da Primeira Reforma do Sistema Educativo após o 25 de Abril. Sobre nós caíam textos e textos para reflexão e víamo-nos em dias sucessivos de reuniões sucessivas a reflectir. Foram dias cheios em que iniciámos percursos profissionais e amizades intensíssimas. Viajávamos em grupo, reflectíamos em grupo, almoçávamos em grupo. Horas e horas das nossas vidas foram passadas na Escola, em reunião, a preparar o ano lectivo.

Depois vieram novas discussões feitas do calor e da paixão que esses tempos inspiravam. Discutíamos o Regulamento Interno e, em tais ousadias, que até havia quem quisesse determinar o modo de admissão dos professores na Escola.

O edifício, ou melhor, os edifícios em que dávamos aulas, eram únicos: ou os quartos do velho colégio onde mal cabíamos, ou as enfermarias do velho hospital onde mal nos fazíamos ouvir. Entre eles tínhamos ainda a opção de um velho ginásio que, para resultar em salas de aula, fora dividido por tabiques onde batíamos frequentemente, a obrigar o colega do lado a dar a aula sussurrada para não perturbar o outro lado do tabique.

Impunha-se, portanto, um edifício novo.

E em 1978 mudávamos as nossas instalações para esta escola novinha em folha.

Vivemos dias felizes com horas e horas de entrega à escola. Cimentávamos cada vez mais amizades que conservámos.

Como estávamos habituados na velha escola a uma sala de professores pouco maior que o quarto de banho, curiosamente, na escola nova não houve grandes mudanças nesse aspecto. O espaço do Conselho Directivo, do tamanho de uma "Kitchenette", escancarava uma pequena porta para a sala de professores em que nos acomodávamos. As condições de trabalho do Conselho Directivo eram precárias, porque não havia qualquer direito à tranquilidade. Ali

se discutia tanto a ementa do jantar como o "naperon" de frioleiras. Reunia-se com a Câmara Municipal, com quem se compartilhavam alguns problemas. Do mesmo modo que se trabalhava com a Associação de Pais.

As actividades sucediam-se, desde o levantamento das indústrias do concelho até um encontro que, no Ano Internacional da Criança, promovemos na Escola Secundária, trazendo a ela crianças do concelho. Mobilizámos carros, carrinhas e até camionetas de caixa aberta e tivemos um dia único.

Em 1978 tomámos posse do Conselho Directivo: a Lídia, a Carmo, a Maria Emília, a Helena Carneiro e o Pinho. Porque no ano seguinte a Maria Emília mudou de escola e a Helena foi em comissão de serviço para França, foram substituídas pela Maria João Anjo e pela Raquel.

As estruturas da escola funcionavam bem. Já não tínhamos de parar dias inteiros porque havia pêlos de rato na água, nem parávamos às 16.30 por a luz estoirar logo que ligávamos todos os aparelhos, de modo que éramos uma escola feliz. O Conselho Directivo anterior tinha-nos deixado a casa em ordem. Tínhamos um escol de professores notável, que não regateava horas de trabalho, e não é a distância dos anos que nos tira a lucidez.

As palavras que melhor podem transmitir o nosso tempo de Cantanhede são **intensidade e paixão. Partilha e cumplicidade** também.

Quem não se lembra daquelas nossas duas bicicletas, com a tabuleta que dizia Estado, que tanto serviam para ir ao talho buscar as encomendas de duas dúzias de professores, como para ir ao correio levar a correspondência?

Muito poderíamos dizer dos nossos alunos. Deles recordamos quadros familiares curiosíssimos, quando, no Polivalente, os rapazes ajudavam as raparigas a dobrar meadas de lã ou de linha e, em conjunto, se afadigavam a continuar a aula de Trabalhos Oficinais, fazendo Arraiolos ou "Patchwork", enquanto outros faziam trabalhos de casa.

E única era a nossa Associação de Estudantes. Acabada a eleição, todas as listas festejavam com os vencedores e se entregavam depois a um trabalho dedicado feito para a escola.

Não podemos deixar de recordar a nossa relação com o Ministério da Educação, que, de vez em quando, se chamava Ministério da Educação e Cultura. Começámos, como todos os debutantes, por nos portar bem com a hierarquia. Pedíamos autorizações e éramos obedientes. Os nossos superiores hierárquicos, porém, mudavam meteoricamente e, como estavam sempre em aprendizagem, não nos mereciam inteira confiança. Demoravam tempo muito acima do q.b. aceitável a dar qualquer resposta ou mantinham-nos em atitude de espera indefinida. Então pegámos o nosso ofício e fizemos à hierarquia a seguinte participação: Informamos que sempre que não responderem no prazo de 30 dias, interpretaremos que o ME dá o seu acordo.

Pois dessa vez a resposta chegou célere: que nem pensássemos... Mas nós, então, já sabíamos muito mais do que algum dia tínhamos pensado aprender e tomámos uma decisão radical: não comunicaríamos senão o absolutamente inevitável. Tomámos a rédea e vivemos felizes, com grande autonomia.

Um dia o ME descobriu que nós cobrávamos uma “propina” extra, aos alunos, no acto da matrícula. Choveram ameaças sobre nós. Ofício vai, ofício vem, em pouco tempo tínhamos demonstrado que a sovinice do ME nos obrigava a tomar medidas tão ousadas... Convincentes fomos, que nunca mais falaram nisso e nós não mudámos a actuação.

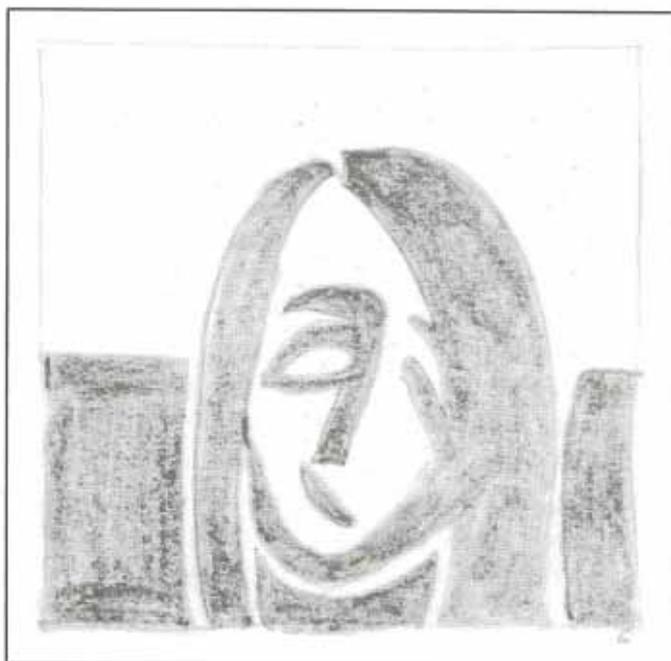
De outra vez acharam que tínhamos mais turmas e mais níveis de Inglês do que o número de constelações no céu, e mandaram-nos um emissário da capital. Melhor, uma emissária, responsável pela disciplina de Inglês no ME. A gente confirmou o que já sabia – que os gabinetes da hierarquia eram muito longe do país real, dos tais Pulos do Lobo, e que lá não tinham noções mínimas do que as escolas passavam. Explicámos pacientemente à senhora, em linguagem clara e fluente e com grande pormenor, como funcionavam na prática as leis que eles inventavam para nós e das quais só conheciam a teoria. E ela, que não tinha trazido uma camioneta para tanta areia, disse-nos muito inteligente e

sensatamente: “Ditem-me o que devo escrever.” E assim se fez.

Seria injustiça não lembrar os funcionários. Eles viviam a Escola como nós e o nosso refeitório orgulhava-se da qualidade da sua cozinha. A dedicação era tanta que traziam de casa vasos com plantas com que se afadigavam em embelezar a Escola. Na secretaria às vezes era preciso dilatar os dias e nunca havia recusas... Como esquecer tanta dedicação?

Não sabemos agora se é o tempo e a distância que nos impedem de ser clarividentes, mas hoje só nos lembramos de dias bons. Aqui passámos os anos mais intensos da nossa vida profissional e a Escola Secundária de Cantanhede representará sempre para nós um marco. Conservamos grandes amizades que aqui fizemos e a Escola Secundária de Cantanhede será, toda a vida, para nós, referência inesquecível.

Lídia Martins
Carmo Ordonhas
Helena Carneiro
Manuel Pinho
Maria João Anjo
Raquel Blanco





Interiores



Ao comemorarmos este ano os vinte anos da existência dos edifícios que materializam no espaço a Escola Secundária de Cantanhede, espero que tal seja o “ensaio geral” para as Bodas de Prata da Escola (em 2001). Se assim não vier a acontecer, parecerá que valorizamos o “invólucro” mais que o “conteúdo”, ou seja, que os valores que construímos no ontem e no hoje não chegarão ao amanhã.

Ao olhar este complexo que vi nascer, povoar-se, humanizar-se, vejo-o como um local de referência e enriquecimento para um número crescente de pessoas e sinto-o como a minha segunda casa. Aqui construí a minha vida profissional, que outros voos não deixaram esquecer, aqui passei longos anos da minha vida e também aqui dei vida aos anos.

Não posso contudo esquecer a Escola antiga e os velhos edifícios que lhe serviram de “invólucro”.

Revejo-os com um misto de saudade e apreensão. Saudade da Escola familiar, dos “furos” passados à lareira, das longas discussões, das democráticas resoluções, do fervilhar revolucionário, do profissionalismo apaixonante, das amizades que se forjaram, das coisas bonitas que então todos fazíamos. Apreensão por um dos “invólucros” ser hoje um receptáculo de doentes (Centro de Saúde) onde a sala de espera em nada lembra o local dos frequentes e inflamados plenários... O outro edifício dá guarida a um Lar de Idosos. É como se visse o crepúsculo da vida.

As mutações do conteúdo destes “invólucros” simbolizarão o paradigma da nossa existência?

“Vade retro, Satanás”!

Maria Fernanda Carvalho

Coimbra, 1998-05-08

Caros Colegas:

Foi com algum júbilo e gratidão que recebi a vossa carta onde informavam da realização de comemorações dos 20 anos da Nossa Escola.

Com saudade recordo os momentos passados em convívio diário, aberto, e de total camaradagem com toda a comunidade escolar que, à partida, não era mais do que uma família no verdadeiro sentido da palavra.

Estarei presente, com todo o gosto, nesse dia para dar um abraço a todos os que de um modo directo ou indirecto comigo colaboraram, no sentido de transformar essa casa num exemplo para todas que labutam no mesmo ramo. Aí estarei para dar os parabéns à Jovem de 20 anos, para lhe desejar um risonho futuro em prol de umas muito boas entradas e melhores saídas profissionais aos jovens que a ela

recorrem.

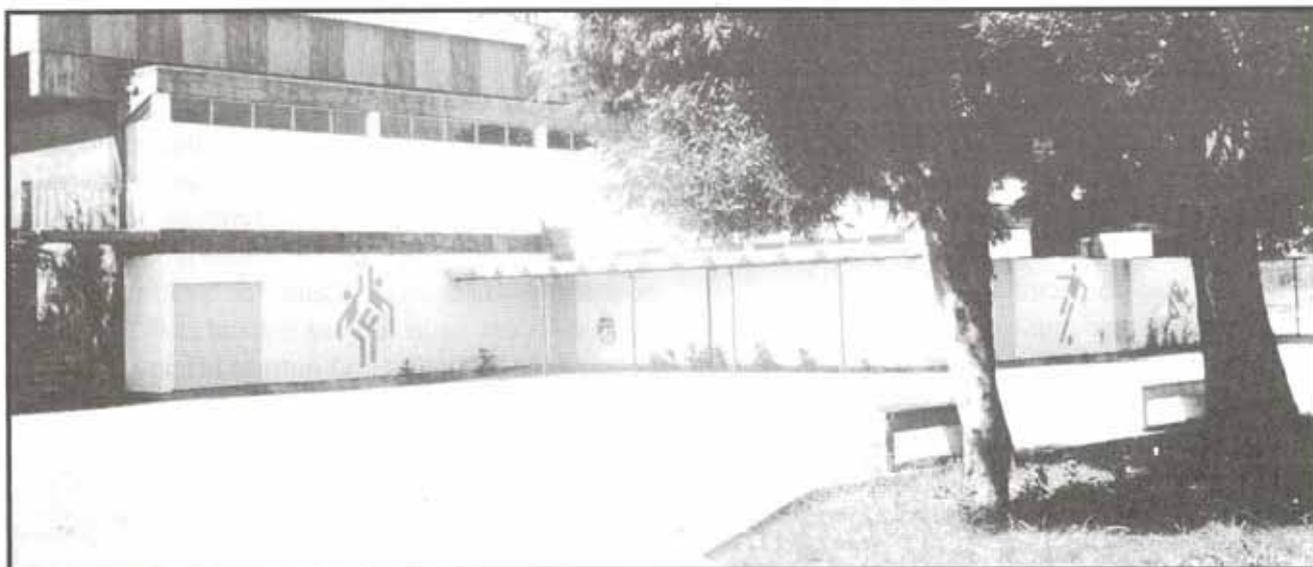
A juventude faz a Escola, e esta forma a Juventude, que no dia de amanhã será o nosso futuro.

Tantos foram os episódios, agradáveis e menos agradáveis que aí passámos, e seria fastidioso e impensável recordá-los todos. “ENSINAR É VIVER DE NOVO”.

(...)

Por último aqui me coloco à vossa disposição para tudo o que acharem conveniente, em prol desta iniciativa, bem como enaltecer o bom trabalho efectuado por esta instituição pública que muito tem dado ao Concelho de Cantanhede.

Com um grande abraço
José Pereira Raposo



Pavilhão Polidesportivo

Não obstante as dificuldades que diariamente se nos deparam no exercício da nossa profissão e as incompreensões de que, aqui e ali, são alvo as decisões que temos de tomar no desempenho das nossas obrigações, o facto é que a arte de desenvolver capacidades e aptidões da juventude que nos é confiada, enriquecendo-a com novos conhecimentos e acompanhando a sua formação intelectual, social e moral, é uma tarefa, sem dúvida, gigantesca, mas tão nobre e gratificante que por si só justifica todos os sacrifícios e compensa todas as incompreensões e as muitas injustiças de que o Professor é alvo no decurso de tão complexa quão generosa actividade.

No início do ano lectivo de 1975/76, entrei na Escola Secundária de Cantanhede, onde tomei posse como Professor do 1º Grupo do respectivo Quadro. Anteriormente, já tinha passado pelos Liceus Nacionais de Évora, Leiria e Espinho, e pelo Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa, onde fiz o meu Estágio. E no ano em que fui colocado em Cantanhede não cheguei praticamente a exercer funções na Escola, já que, ainda em Outubro, fui de novo para Leiria, a fim de orientar, durante esse ano lectivo, o Estágio do 1º Grupo na Escola Industrial e Comercial daquela cidade.

Regressei a Cantanhede em Outubro de 1976, desta vez para ficar durante 13 anos bastante enriquecedores. De facto, e para além do óptimo ambiente que reinava nesta Escola, onde os funcionários eram exemplarmente atenciosos e solícitos, os alunos, na sua generalidade, alegres e simpáticos, e os colegas inexcedíveis em camaradagem, o facto de a Escola estar bem localizada, perto de Coimbra, dava origem a uma notável renovação anual de professores, facto esse que, tendo alguns inconvenientes – sobretudo para os alunos, para quem a mudança de professores, por vezes, não é benéfica – contribuía indiscutivelmente para implementar a dinâmica da Escola, já que, com novos professores, surgiam novas experiências pedagógicas, adoptavam-se novas experiências pedagógicas, adoptavam-se

novas tecnologias, conheciam-se novos métodos de ensino. Deste modo, a monotonia não se instalava e o marasmo não tinha lugar na nossa Escola.

Naturalmente, nem tudo eram rosas, sendo rara a semana em que indesejáveis espinhos se não cravavam, por vezes muito dolorosos, no desempenho da nossa missão, despertando-nos para a necessidade de uma dedicação total ao nosso trabalho e desafiando, ao mesmo tempo, o nosso espírito de sacrifício e a nossa capacidade de assumirmos as responsabilidades inerentes a esse desempenho.

Uma Escola é uma família, onde, necessariamente, os mais velhos ajudam, com o seu exemplo, os menos experientes a descortinar o rumo e a desbravar os escolhos que abundantemente salpicam a longa caminhada que têm de enfrentar.

Nessa travessia surgem, por vezes, situações inesperadas, a exigirem tratamento específico e a imporem a adopção de novas estratégias, a aplicação de diferentes técnicas, a realização de inovadoras experiências. É o caso, por exemplo, do desempenho de certos cargos específicos, nomeadamente, os de Director de Turma, Director de Instalações, Delegado de Grupo, etc.

Aproximava-se do seu final o ano lectivo de 1981/82, quando, certo dia, fui chamado ao CD, onde me aguardavam quatro colegas que, mal eu entrei, me propuseram participar com eles na composição de um Conselho Directivo a submeter à eleição que teria lugar pouco tempo depois. Analisada a proposta, e contagiado pelo entusiasmo dos colegas, senti dissipar-se o receio inicial e aceitei a participação, como vogal, num Conselho presidido pelo José Raposo e que integrava também, como vice-presidente, o Mário Rasteiro, como secretário o Aurélio Malva, sendo a Fátima Costa o outro vogal.

Uma vez eleito, esse elenco teve a seu cargo a gestão da Escola no ano lectivo de 1982/83. Foi um ano calmo, que decorreu com bastante normalidade, afectado, aqui e além, por um ou outro acidente que fomos solucionando o melhor

que nos foi possível. Recordo, por exemplo, entre outros casos, que um dia, ao chegar à Escola, às oito e trinta, como era costume, fui chamado ao Gabinete do presidente José Raposo que, bastante apreensivo, me pediu para o ajudar a analisar e a procurar resolver o problema decorrente duma participação apresentada por uma Directora de Turma a quem um determinado Encarregado de Educação declarara ter, no final do ano anterior, entregue à então Directora de Turma determinada importância em dinheiro “para que o seu filho passasse”. Refira-se, entretanto, que, pouco antes, quando a professora em causa tomou conhecimento dessa denúncia, ficou, como era de esperar, totalmente perplexa e incapaz mesmo de reagir, limitando-se a declarar que ia pedir de imediato a sua exoneração.

Conhecendo bem as qualidades dessa colega, quer a nível de competência e seriedade profissional, quer no que respeita à sua idoneidade e integridade moral, impunha-se procurar e entrevistar o autor de tão grave acusação. E lá fomos os dois, o Zé Raposo e eu, à sua procura. Gastámos toda a manhã, percorrendo estradas por nós desconhecidas, serpenteando entre pinhais e

campos de milho, vinhas, pomares e poisios. Finalmente, perto já do meio-dia, conseguimos, mediante inúmeros pedidos de informação, chegar à morada que procuráramos ao longo da manhã. Atendeu-nos a esposa do homem que procurávamos, informando-nos que ele não estava, por andar a “dar o dia” (era pedreiro), mas que devia demorar pouco, pois era chegada a hora do almoço. Efectivamente, pouco tempo depois ele chegou, e, submetido ao interrogatório que lhe fez o José Raposo e ao tomar conhecimento da gravidade da acusação, dando mostras de grande rusticidade e muita ignorância que o inibiam de sentir o peso da responsabilidade das afirmações que proferira na Escola, lá nos foi dizendo com displicente à-vontade que “não senhor, não era verdade ter dado dinheiro nem coisa nenhuma”, que apenas dissera aquilo como quem tenta uma saída para desculpar o menos bom comportamento escolar do filho, e que estava disposto a assinar a declaração em que dava o dito por não dito. Prontificou-se a apresentar-se na Escola na ocasião que lhe foi proposta, a fim de participar a resolução do caso a que dera origem, e desse modo o problema foi posteriormente solucionado sem gravosas



"...obras de arte..."

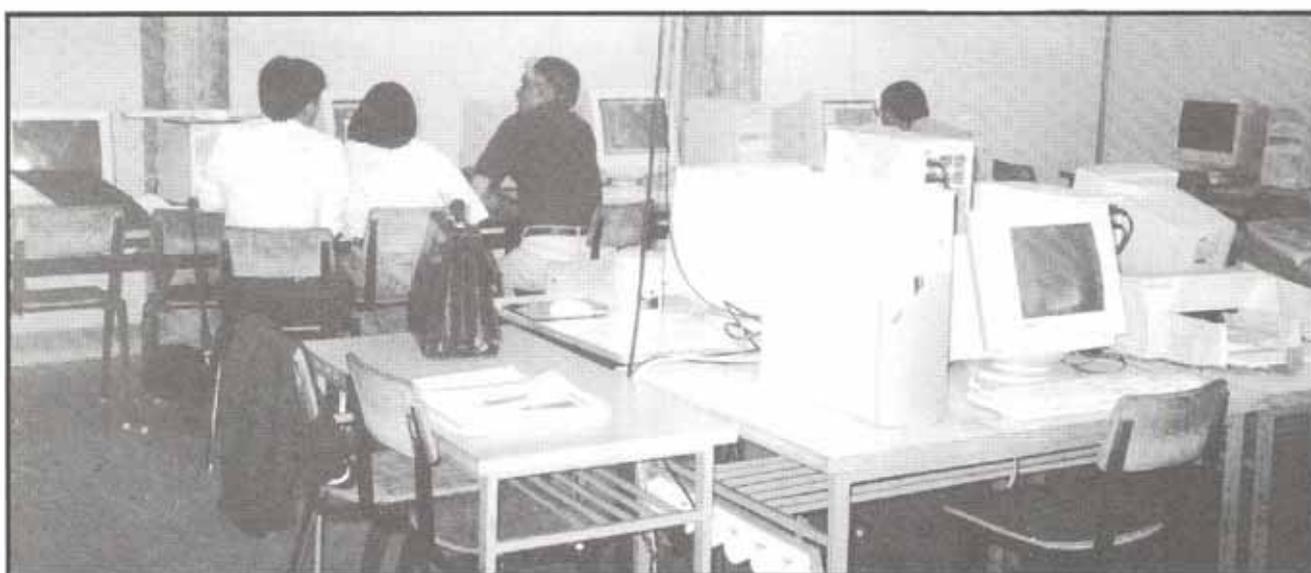
sequelas para ninguém.

No final desse ano, o Raposo foi, mediante concurso, transferido para a Escola Avelar Brotero, pelo que houve necessidade de convocar novo acto eleitoral, do qual resultou um novo Conselho Directivo por mim presidido, tendo como vice-presidente o Mário Rasteiro, como secretário o Aurélio Malva e em que, como vogais, participaram a Luísa Rocha e a Celeste Raimundo. Foram mais dois anos, 83/84 e 84/85, que, como o anterior, decorreram com normalidade e, também como o anterior, salpicados, de onde em onde, por um acontecimento menos usual ou por um facto pouco normal, como que a lembrar à Comunidade Escolar a necessidade de estar permanentemente atenta e vigilante. Assim, lembro-me, de passagem, de que por duas vezes tivemos “visitas nocturnas indesejáveis”, de que resultaram alguns prejuízos ligeiros (sobretudo a nível de mobiliário) e de que demos conhecimento às entidades competentes. Deram ainda esses dois anos para deparar com algumas peripécias pitorescas, como aquela do aluno que, ao ler um comunicado do CD, achou (ou não achou...) graça à rubrica do presidente e

resolveu adorná-la com um ou dois traços artísticos que lhe desvirtuaram a originalidade e lhe conferiram uma nova forma que na altura atraiu a atenção generalizada da Comunidade Escolar e provocou alguns comentários jocosos sobre a “obra de arte” resultante e cuja descrição me abstenho, naturalmente, de aqui fazer.

Destes e de outros tantos eventos resulta que hoje, sempre que passo junto da nossa Escola, sinto como que uma vaga saudade e mesmo emoção, ao recordar os anos que por ali passei, os trabalhos e as aventuras com os colegas, os episódios com os alunos, a fraterna convivência com todos os elementos do pessoal auxiliar e administrativo, de que guardo as mais gratas recordações. E vendo aquelas paredes dentro das quais passei uma parte significativa da minha vida, sinto-me invadido por um frêmito incontido e por um indefinível prazer ao sentir que ali paira uma parte de mim, pois também eu contribuí, com a minha modesta prestação, para o engrandecimento e para o prestígio desta grande e ativa Catedral da Cultura da nossa região.

Américo Rocha e Silva



Laboratório de Informática

Sentado na cadeira, em frente à secretária, numa noite calma de um qualquer dia de Maio/98, ripei duma folha, peguei numa caneta e pensei cá para com os meus botões: tens de elaborar um pequeno texto, onde descrevas algo de importante vivido na Escola Secundária de Cantanhede...

Tentei andar para trás no tempo (pensei ser mais fácil!...) mas, rapidamente, concluí que a memória, outrora de grande vigor, estaria ligeiramente desgastada..

Falho de memória (os anos não perdoam...), avesso a escrever, hesitei, pensei desistir... mas, numa fracção de segundos (preciosa) consegui trazer à memória alguns pormenores da infância, algo que em miúdo ouvi, quando era descrito algum episódio passado: Era uma vez... e, decidi efectuar um passeio alegre e divertido pela estrada da vida.

E então aqui vai:

Era uma vez, um rapaz de vinte e poucos anos que, por ironia do destino, mereceu a confiança do Dr. José Raposo e foi convidado para vice-presidente do C. Directivo (quão distante vai o ano de 1982). Nesse longínquo ano, nada, nem ninguém, ousaria, de certo, pensar que esse rapaz iria, durante vários anos, desempenhar funções nos diversos C. Directivos que, entretanto, se foram constituindo. Todos esses anos foram vividos, como é óbvio, com momentos uns mais felizes que outros, mas quer uns, quer outros, de constante aprendizagem, troca de ideias (algumas vezes mais acaloradas: que o diga o Dr.

Aurélio Malva!), amizade pura, lealdade absoluta, sentido do dever, responsabilidade...

Não é fácil para um "comum mortal" atirar para o papel a gratidão que lhe vai na alma, relativamente a todos aqueles (C. Directivo, elementos do corpo docente, elementos do pessoal não docente e alunos) que tornaram viável e concretizável, ano após ano, as principais metas que se propunha alcançar...

Assim, e embora correndo o risco de ser injusto, olvidando alguém, não quero deixar de agradecer, de modo especial, ao decano Dr. Américo Silva pelos preciosos ensinamentos que, com sabedoria, me transmitiu, ao Dr. Manuel Álvaro dos Santos, pelo incondicional apoio que sempre me prestou na qualidade de secretário permanente do Conselho Pedagógico (por vezes bem quentinho!) e ao Dr. Carlos Catarino, pela eloquente lição que me deu, enquanto presidente do Conselho Administrativo, já que, sendo um homem de "Letras", provou, de forma brilhante e inequívoca, que, para se exercer tal cargo não é imprescindível possuir formação académica nas áreas de Contabilidade e/ou Economia, é apenas necessário...trabalhar.

"The last but not the least", o Eng. Sidónio Couceiro, "faisão": para ele também, um obrigado!.

S. João do Campo, num qualquer dia de Maio/98
Mário Alberto Alves Rasteiro



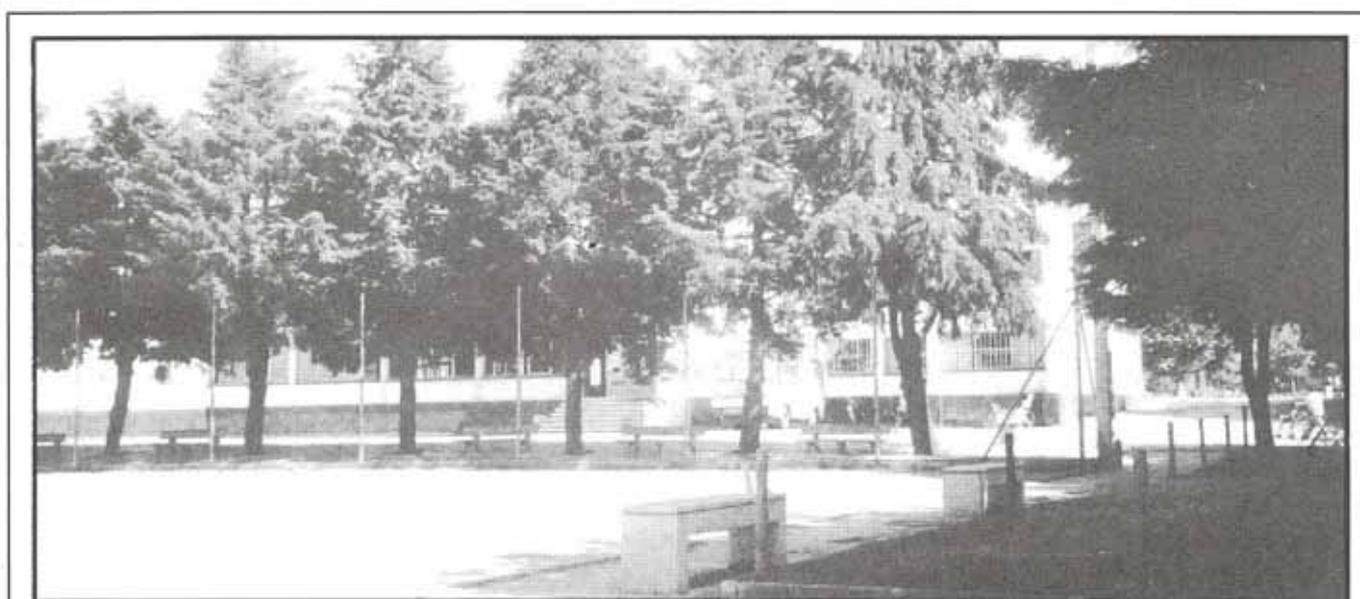
Escrever sobre algo que profundamente nos tocou é sempre difícil, não só porque a Palavra é de ouro, mas ainda porque, decorridos anos, a nossa memória – felizmente selectiva – nos traz apenas aquilo que é nosso e isso deixa de ter, quando patenteado ao olhar do Outro, qualquer importância.

Por isso, e em relação à Escola Secundária de Cantanhede, onde durante cinco anos “vivi”, limitar-me-ei a parafrasear o poeta:

“[Minha Ventura]
 (...) quis que a vida breve
 Também de si deixasse breve espaço,
 Por que ficasse a vida
 Pelo mundo em pedaços repartida”

E fico feliz por, passados estes anos, poder, “de tantos trabalhos” que também aí passei, saber que ficarei lembrada nestas memórias.

Maria Celeste do Espírito Santo Neves Raimundo



Espaços Exteriores



Gabinete da Direcção

Ao longo de quase vinte e dois anos de docência conheci apenas quatro escolas. Nos dois primeiros anos leccionei na Preparatória de Castanheira de Pêra. Seguiu-se, depois, um ano, como professor estagiário do 7.º grupo, na Secundária de Águeda, e outro, como professor profissionalizado, na Secundária de Avelar Brotero, em Coimbra. No ano seguinte viria a ser nomeado professor do quadro da Escola Secundária de Cantanhede onde tenho trabalhado vai para dezoito anos, doze dos quais exercendo funções de gestão ou de direcção!

Comecei por ser secretário do Conselho Directivo presidido pelo meu querido amigo Dr. Américo Rocha e Silva. Fui, depois, vice-presidente de Conselhos Directivos da “era Rasteiro” e da “era Bastardo”. Fui o primeiro presidente do Conselho de Escola, quando a ESC decidiu aderir ao “novo modelo de gestão”. Finalmente, este ano (1997/98), eu que tinha pedido ao António Bastardo para “aguentar”

mais um ano como Director Executivo não pude dizer-lhe “não” quando ele me convidou para seu adjunto...

Relembro, também, com alguma nostalgia, os/as colegas com quem trabalhei em todas estas equipas: a Celeste Raimundo, a Luísa Rocha e a Fátima Costa; o Carlos Catarino, a Lena Nolasco e o Sidónio Couceiro; o Manuel de Jesus, o Luís Ala e o Litério Monteiro; e — “the last but not the least” — a Maria Manuel e a Raquel Blanco.

É faço questão de envolver num enorme e sentido abraço de reconhecimento — quando se comemora o 20.º aniversário do actual edifício da ESC — todos/as os/as colegas, funcionários/as e alunos, por, através do seu empenho e dedicação, fazerem da “minha escola”, o “local” onde melhor me sinto em Cantanhede!

Aurélio Pereira Malva
(PQND do 7.º grupo)

Conhecer o outro lado das coisas...

Nesta Escola, a minha passagem pelo Órgão de Gestão — hoje pomposamente apelidado de Director Executivo, mas que então dava pelo simples nome de Conselho Directivo — deu-se entre os anos de 1985/86 e 1988/89.

Foram quatro anos duma experiência diferente. Quatro anos que me possibilitaram conhecer por dentro a outra face da realidade duma Escola, numa visão mais completa e alargada, com igual preocupação por alunos (na altura, cerca de 2.400), funcionários e colegas do mesmo ofício e conjugando as perspectivas pedagógica e administrativa, a autonomia possível e a abertura ao meio, a disciplina, a organização...

E tudo isso num trabalho enriquecedor que se pretendeu de equipa, às vezes com uma ou outra pontual “desafinação” a quase natural — diria — numa “orquestra” directiva em que tive todo o prazer de participar, juntamente com o Mário Rasteiro, o Aurélio Malva, o Sidónio Couceiro, a Helena Nolasco, o Mário Cartaxo e a Fernanda Carvalho.

Lembro as maratonas das terças-feiras — o dia da reunião semanal — à porta fechada. Era, por norma, uma tarde longa, de agenda cheia e carregada, mas, no fim, desanuviada pelo jantar da praxe num dos restaurantes das redondezas, bem comido, bem saboreado e bem regado, sem, no entanto, extravasar os limites da sobriedade — condição “sine qua non” para fortalecer o convívio e a amizade entre todos os elementos da equipa.

Desses momentos também ficaram na memória alguns episódios mais ou menos divertidos. Um deles é a história do “picanço” que se conta em duas pinceladas e que, desta feita, faço questão de não começar pelo tradicional “Era uma vez...”, mas por uma outra expressão que parece ser chique e está na moda: “Então é assim”.

Então é assim:

Como a reunião das terças se prolongava na Escola para além do razoável, havendo necessidade de a aproveitar até aos últimos segundos, não nos podíamos dar ao luxo de aparecer no restaurante sem prévia marcação do menu pretendido e da hora (por vezes, mais “desoras” que outra coisa!). Assim, na altura de cada um escolher o prato da sua preferência, tanto disto e tanto daquilo e pode contar com tantas pessoas, aí para a hora tal, algumas vezes aconteceu que um de nós (não digo o nome, nem é permitido adivinhar!), por razões de um outro suposto compromisso, dizia não poder ir nesse dia, pelo que não contassem com ele para o jantar. Se fosse, seria só para o “picanço” e para fazer companhia por breves instantes.

Pois sim! Ia, picava como os outros. E que garfo! Parecia esquecer as horas e os compromissos. Na circunstância, outro remédio não havia senão pedir mais uma dose disto ou daquilo. Porque o “picanço”, afinal, havia excedido as intenções e as promessas. Até que um rebate de consciência o fazia erguer da cadeira (Ai que já é tão tarde!) pouco antes da “dolorosa”.

É bem verdade que na hora de arrancar e de se despedir dos colegas, recomendava que no dia seguinte lhe apresentassem a conta, a sua quota-parte da conta. Mas quê?! Mal parecia apresentar a conta a um colega que, afinal, até tinha ido só para o “picanço”!

Até que um dia, na iminência de mais uma vez se repetir o episódio, a equipa encheu-se de brios e foi solidária:

- Ai sim? Tu só vais para o “picanço”?
Então também nós vamos fazer-te companhia.

Cinco lugares, cinco garfos...

E, nesse dia, a conta foi a dividir por cinco.

Carlos Catarino

Saudades, Reformas e... Fotos.

Por: **Sidónio Couceiro**

Permitam que este cidadão, situado nos 10 mais do mobiliário de estilo desta casa, vos ocupe um pouco do vosso precioso tempo.

Palavra que sinto saudade dos “Sixty’s”. Tempos de aluno numa Escola em que havia uma tarde livre de aulas formais, normais ou banais, como quiserem!

Engana-se redondamente quem pensar que estou saudosos da M.P.

Nada disso!

Dessa, safei-me eu porque gostava de cantar e o desempenho nessa área, na altura, não era dos piores. O ouvido, herdado do paizinho, funcionava e a D. Ivonette — para os alunos, a “avionete” — crente que eu sabia música “à poceirada” chamou-me para o coro masculino.

A oferta era bastante e diversificada. Daí à acumulação foi um ápice. O teatro e os jograis, foram as etapas seguintes.

Entrar no coro misto era um valor acrescentado. Não podemos esquecer que, naquele tempo...

Homens para um lado mulheres para o outro!...

Conversas de, ou a dois, eram consideradas “comício”.

Se calhar, estou a desviar-me do assunto...

Será que a actual Área-Escola, defendida por uns (a que preço!...), suportada por muitos e ignorada ou odiada por outros, não passaria a resultar se se operassem nela umas pequenas alterações?

Que tal, uma tarde a meio da semana com actividades obrigatórias, mas a gosto de cada um, com orientação de professores, alunos, pais ou outros elementos da comunidade, devidamente habilitados e, estes últimos, pagos para o efeito?

Deixariam, deste modo, os pobres dos alunos e professores de andar a mendigar e a fazer malabarismos de toda a espécie para “caçar” uns tostões à comunidade envolvente, para pagar um serviço que lhes é imposto.

Ai que saudades das actividades de quarta-feira, da minha escola!

A mal dita “Geração Rasca” não enjeita a cultura, quer seja de letras ou de flores; o desporto, sossegado ou radical; ou as artes e ofícios, mesmo sendo aquelas marciais e estoutros somente de corpo presente.

Basta, para tanto, dar-lhes diversidade, apoiá-los

na escolha e eis que eles aí vão entusiasmados e felizes.

Direis: — O que é que este “inventor”, para não usar terminologia mais contundente, pretende com este arrazoado todo?

Pois bem! Tendes razão!

Afinal, este texto, seria para o Livro de Memórias da nossa Escola e se bem me recordo...

Ah! Pois!... Os currículos, a Área-Escola, as reuniões, a falta de tempo...

Terá sido por essas e por outras que se finou um jovem mas promitente grupo desta Escola, o Grupo de Música Tradicional.

Durante algum tempo, congregou mais de vinte e cinco elementos, na maioria alunos, mas onde todos fraternalmente se dedicavam a fazer aquilo de que gostavam e, modéstia à parte, faziam bem feito!

Durante uma hora, às quartas-feiras, os ensaios. As actuações eram uma festa. Divertíamos-nos tanto no palco como cá em baixo.

Mas acabou! Que saudades!

Que pena tenho que no CD comemorativo dos 20 anos, não tenham podido constar um ou dois temas do grupo!

Mas a vida é assim...

Tenhamos esperança nos nossos “iluminados reformadores”, que se esfalfam a trabalhar para o bem da plebe. Mal uma cópia, deve ler-se reforma, está a começar a ser posta em prática, já os seus futuros substitutos estão a dedicar-se a umas leituras sobre um modelo que foi abandonado não sei há quantos anos no país das maravilhas mas que cá vai dar resultado! Oh se vai!...

Tenhamos esperança, dizia eu, que uma dessas mal disfarçadas cópias, por descuido ou lapso, traga uma tarde de quarta livre.

Porque cultura não é trabalho! e nós temos é que trabalhar!...

Ai, se eles se descuidam, não te safas, Aurélio! vais ter que aturar!...

Para a memória, uma foto do Grupo em dia de casamento de um dos elementos.



Para a Memória...

Partilhar com os colegas Bastardo (Presidente), Litério, Aurélio e Ala a responsabilidade, partilhada, de gerir a Escola Secundária de Cantanhede, “Nau que navega, normalmente, em águas calmas”, foi uma experiência muito bonita.

Normalmente, quando as pessoas são transparentes e se entregam com alegria às causas que abraçam, as coisas correm bem!

Para tornar mais leve este trabalho que não é fácil, muito contribuíram a tolerância do “Chefe”, o rigor do Litério, a musicalidade e exímia conversação do Aurélio; e as anedotas, sempre fresquinhas, do Ala, aliadas à sua enorme capacidade de trabalho, fizeram deste Conselho Directivo um grupo de amigos que perdurou muito para além do término das suas funções.

Se calhar, já ninguém se lembra que foi um Conselho Directivo de “varões”, mas onde nunca faltou o perfume das flores que todos os dias ornavam, em bonitas jarras, as secretárias de cada um!

Não esqueço que esta amizade nos levou a

todos ao casamento do Sr. Presidente, Dr. Bastardo, que foi apenas ensombrado pelo “jejum” a que foi sujeito o colega Litério que se perdeu da comitiva e não almoçou!

Às vezes, a monotonia de algumas horas, especialmente nas longas sextas-feiras à tarde, era quebrada por um alegre ratinho; vindo das casas de banho, “punha os cabelos (!!!) em pé” ao autor destas linhas que, não tendo outro meio de defesa, saltava para cima das desconfortáveis cadeiras de então.

Não esqueceremos, nunca, a excelente relação que tivemos com todo o pessoal auxiliar desta casa, muito particularmente com o da cozinha, que visitávamos todos os dias.

De forma muito sentida: foi muito bom tomar parte nesta experiência.

Manuel de Jesus

COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE

Passar pelo órgão de gestão de uma escola penso ser, quase sempre, uma experiência positiva na carreira de um professor. Contudo, passar pelo Órgão de Gestão da Escola Secundária de Cantanhede, sem grande risco, direi ter sido muito mais expectante e, eventualmente, mais enriquecedor, não só por ter sido num novo contexto, pois tratava-se de implementar o novo modelo de gestão, mas também porque me deparei com um grupo de trabalho, bem liderado, onde valeu, sobretudo, o espírito colegial, com que quase sempre foram resolvidas as questões mais pertinentes.

Foi sobretudo gratificante a amizade e cordialidade entre os vários elementos do órgão de gestão, com quem ao longo de 4 anos tive oportunidade de colaborar, onde, no meu entender, sempre se tentou ter uma postura acertiva, no intuito da dignificação do trabalho e da própria instituição.

Gostaria de realçar o apoio dado por tantos colegas e funcionários que, nas horas mais difíceis, sempre souberam ter uma palavra amiga de estímulo e apoio, nunca renegando a sua pronta colaboração, por vezes em condições difíceis, motivados apenas por uma atitude meramente altruísta.

Esta nossa escola existe assim porque nós a fazemos assim, e são com certeza os nossos alunos o fermento da nossa existência; sem eles não haveria motivo para esta nossa diferença e com eles comemorar-se-ão os ... anos da nossa escola.

O amigo

Orlando Neto



Campo polidesportivo e bancadas

A propósito da Comemoração dos 20 anos da Escola Secundária de Cantanhede...

Ter passado pelo Órgão de Gestão no ano lectivo de 93/94 quis (quer...) dizer muito: aceitei o desafio com o fardo e dilema internos de ter pouca experiência, de poder não desempenhar com competência a função que me estava a ser proposta. Inicialmente tive medo que fosse um chinelo que não servisse no meu pé!

Logo a seguir, achei que tudo estava do meu lado: a escola mostrou-me que tinha cara... e, confesso, gostei do seu rosto. Chego a pensar que foi (é) para mim irresistível!

Mesmo em momentos em que me *franziu o sobrolho*, consegui perceber que nos entendíamos bem. A equipa com que tive o prazer de trabalhar foi

inigualável. Chegámos ao fim do ano e ao olharmos para aquele rosto ele continuava bonito, pronto para ser admirado: contemplado por outros que viriam a seguir ou mesmo por aqueles que continuavam. Estes, querendo, poderiam vê-lo de outro ângulo, nada inferior.

Quer de um sítio quer de outro, no conjunto, gostei quase sempre! A *paixão* continuou e ainda hoje sinto que a minha *cara-metade* (profissional, entenda-se) é aquela...

Por tudo isto, e graças a esta *paixão*, no dia 22 de Maio de 95, ao ser invadido pela ideia (triste) de, um dia abandonar este *ninho*, escrevi:

Uma casa

*Ofereces-me fortes alicerces,
Ando dentro de ti sem me fugires...
Quase que rodopio pelo teu chão.
Sinto-te minha: fazes já parte de mim.
Revejo-me em ti e mobilei-te a pensar que nunca te ia deixar.
Até te recheei de gente... gente ilustre, gente sublime:
meninos doces e grandes amigos!
Sofro por te deixar.
Não tens o direito de me pôr na rua:
cá fica o que de facto me interessa.
Deixo cá pilares que nem tu conheces bem:
nem as tuas bases são assim...
Não suporto pensar que terei de abrir outra casa,
recheá-la de novo.
Só consigo pensar nesta.
Para mim tu
tens cara,
tens um coração.
Tu sabes que tens recheio e que,
para mim, és uma casa:
única...*

(refira-se que o abandono não se deu nesta data: a convivência manteve-se por mais dois anos)



Biblioteca

A passagem por um Órgão de Gestão numa Escola é sempre marcante para o professor que a vive. A minha não foi excepção.

Aí experimentei momentos de desafio, alegria, angústia, realização, revolta, camaradagem...

Naquele oceano de coisas novas para aprender, quase me afoguei em Decretos-Lei, Despachos, Leis; embrenhei-me nos projectos da Escola; conheci a outra face do sistema.

Apercebi-me do quanto é importante, cada vez mais, estar atento aos alunos e seus problemas *pessoais*, num sistema e numa sociedade (até família... quantas vezes !) que os esmaga com pressões de todos os tipos.

Foi tempo de aprender que dirigir é, acima de tudo, servir.

Quero, neste momento, agradecer à equipa de gestão com quem trabalhei durante esses três anos, todo o apoio que me deu; aos Coordenadores e Directores de Turma que deram corpo e voz aos projectos lançados; aos Serviços Administrativos, nomeadamente D. Lurdes e D. Ermelinda, sem as quais a minha função teria sido muito mais árdua; aos colegas e funcionários pela sua disponibilidade e dedicação e, finalmente, à minha família pela sua capacidade de abdicar.

Maria Clara de Oliveira Póvoa



•
Não foi uma década,
foram 9 anos... ao ritmo
de amores e desamores

Larguei para sempre, quem sabe?
alguns amores suaves,
outros não...
ficaram suspensos num lento e profundo
olhar
de quem sabe que
tudo é fugaz
excepto, talvez, a memória.

Passei pela dor, pelo reconhecimento
de que somos frágeis embora sonhadores,
impotentes embora livres
Vivi a morte do Victor e do Pedro
Ficou em mim o
vazio de quem não disse tudo
o que havia para dizer.
Talvez a morte seja assim...
nunca nos dá tempo de usar
as palavras que temos em nós.
Morreu a Paula
e deixou-nos mergulhados na raiva
surda da impotência
Deixou-nos a sua força e
saudade

Vivi também a alegria
e o riso até às lágrimas.

Um pic-nic que a chuva
da praia expulsou

A travessia de uma rua
numa tarde de Lisboa

O sapato do pé esquerdo que
não condizia com o do pé direito

Uma aula muito séria
sobre a química do comportamento humano
que resvala para um daqueles filmes
que mascaram a angústia de sermos

Uma noite de bar em bar
e uma discoteca que já não é
como no meu tempo.

VALEU A PENA

Agosto de 1986, 11 horas de uma cálida manhã. Dirijo-me à Escola Secundária de Cantanhede onde acabava de ser colocado. Vencida a distância do (ao tempo) enorme parque de estacionamento, transponho o segundo portão, subo, sem pressa, as curtas escadas, quase furtivamente atravesso o polivalente; digo à senhora do telefone a razão da minha presença, a D. Almira olha para mim, com ar de quem me conhece; era verdade. Entro na secretaria; ali encontro a D. Fernanda; tínhamo-nos conhecido em Montemor-o-Velho. Ultrapassados os inevitáveis formalismos burocráticos, dizem-me: “Por favor, depois de sair, entre na porta à esquerda, siga até ao fim do corredor, vire à direita, ao fundo está uma sala, entre; para se apresentar ao presidente do Conselho Directivo”. “Só faltava mais esta”, pensei; e fiz silêncio.

Quando acabei de vencer aquele tormentoso itinerário, já o presidente sabia que um novo professor estava a apresentar-se e acrescentava que só dispunha de meio minuto para o receber. Com alguma relutância, cumprí o ritual da apresentação na esperança de não tardar a partir, em menos de meio minuto... até quase ao final de Setembro!

Milagre! Os regateados trinta segundos transformaram-se em saborosa meia hora, não digo de diálogo porque quase me limitei a ouvir. Mas foi um prazer escutar o dr. Rasteiro falar-me da Escola, da situação que vivia, das alegrias que proporcionava, dos problemas que também não faltavam, dos condicionalismos que tinham de ser considerados e por aí adiante.

Tão viva impressão me causou aquela conversa que ainda hoje se não desvaneceu na memória que vai, inevitavelmente, dando sinais de cansaço.

Eu já não pensava em afastar-me rapidamente; o meu (futuro) amigo Rasteiro já esquecera que não dispunha de mais de meio minuto! E acabo de saber que ao Conselho Directivo pertence o meu amigo Catarino. Ainda não conheço os outros elementos mas, pelo que ouço dizer, vale a

pena confiar.

Quando desci as escadas, já era da família; de tal maneira que não pude esperar pelo fim de Setembro. Voltei mais cedo.

E assim começou este romance. Que já não poderá durar muito. Que valeu a pena. Muito. Foram os muitos colegas que conheci (sem que de todos tivesse sabido o nome!), foi o contacto com as pessoas da secretaria, da cantina (não vivemos só de papéis, pois não?), do bar, da reprografia, da papelaria, do SASE, do telefone, de serviço aos blocos, às oficinas, ao ginásio, à portaria. Será que esqueci alguém?

Veio, mais tarde, nova gerência; com o amigo Bastardo na presidência. Foi a mesma colaboração, a mesma lealdade, o mesmo esforço pela crítica atenta e (penso eu) amiga e justa.

Foram, muito especialmente, e sempre os alunos. De alguns já me não lembro; não retive o nome de todos; já terei passado por um ou outro sem o reconhecer; alguns são, agora, colegas.

Se a resposta não fosse tarefa de gente especializada, poderia perguntar-se aqui *o que é educar e para que serve a escola*. Não me substituindo aos especialistas, atrevo-me a responder que a educação forma para a vida, na prática da liberdade, na acção comprometida da transformação da realidade; formar para a vida é, naturalmente, mais do que ajudar a sobreviver no meio em que se vive; como diz um pedagogo brasileiro, “a vida do homem só é humana à medida que é ultrapassado o nível da sobrevivência, da sujeição ao inevitável; à medida que a vida se torna descoberta e prática da liberdade”. Haverá de acrescentar-se que este processo, não competindo exclusivamente à escola e aos seus mecanismos formais, é, na sua essência, a razão da mesma escola, com todos a procurarmos que ela seja lugar de participação, de afirmação pessoal no respeito pelos outros, de criatividade mais solidária e menos utilitária, de imaginação e de sentido da responsabilidade, lugar de crescimento

para as pessoas, sujeitos activos de todo o processo, espaço onde se procura menos ensinar e se está mais disponível para “ajudar” a pensar, a reflectir; com todas as perplexidades que sempre se vão gerando.

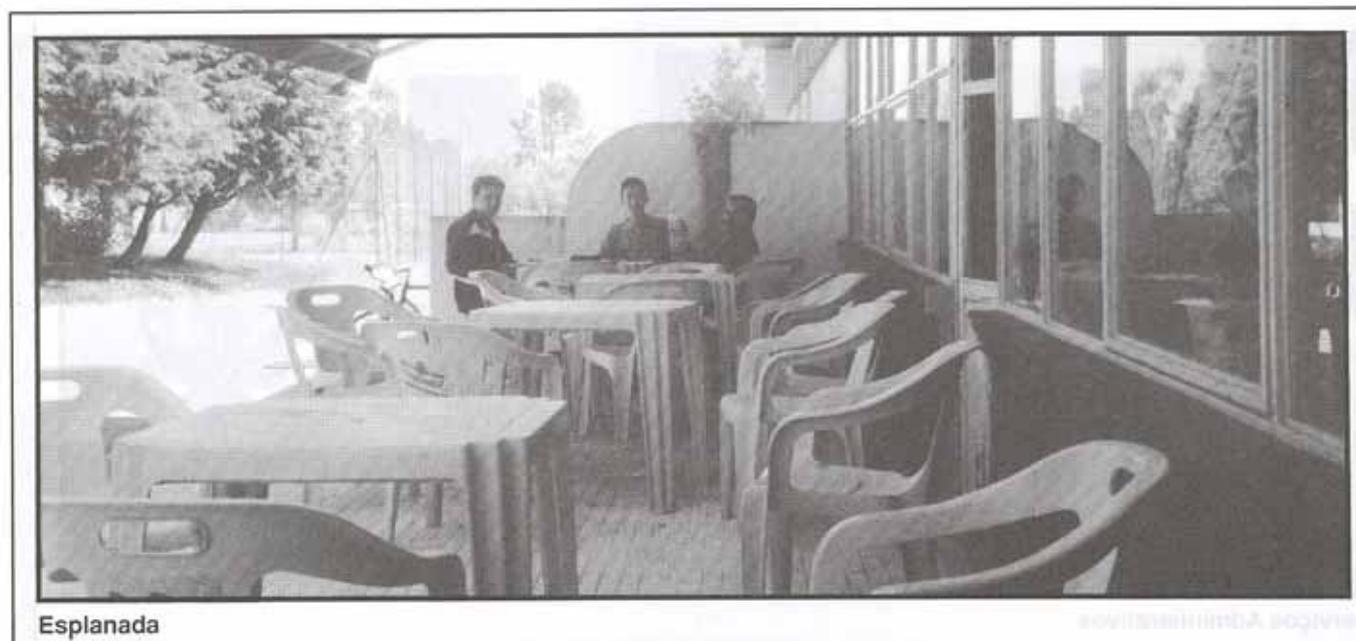
Nem sempre tudo correu bem. Porquê? Não será fácil responder, embora a autocrítica deva acompanhar-nos permanentemente; como a nossa

sombra; e tenho de citar Sebastião da Gama: “O que quero é que (os alunos) sejam felizes”. Nem sempre terei conseguido cumprir este objectivo. Não duvido que sempre tentamos. Todos.

Abílio Duarte Simões



Bar



Esplanada

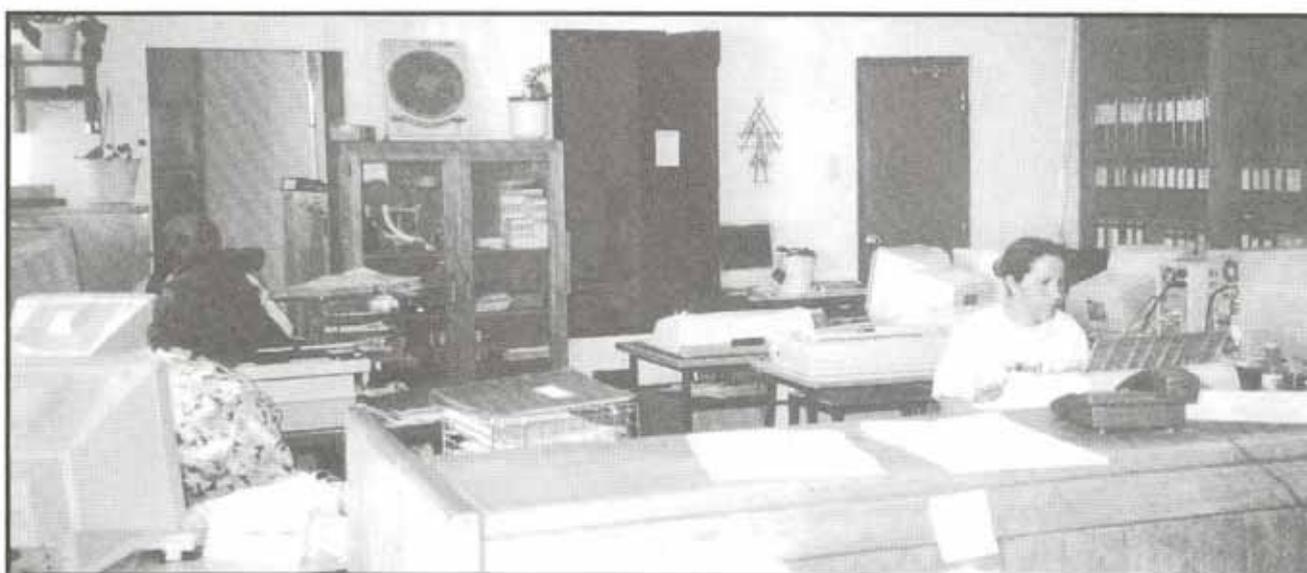
PENSAMENTO DE UM FUNCIONÁRIO

À noite isolo-me
disperso-me dos amigos
tenho o coração abatido.
Parece uma rua estreita
que se aperta em cada passo.

No meu quarto,
a sós,
com sonhos trocados
com a vida às avessas;
no meu quarto
só
sou um funcionário apagado
um funcionário triste.
Faço reflexão:
Débito/Crédito, Débito/Crédito,
danço com os números,
fico envergonhado
sou um funcionário cansado
de um dia exemplar.

Porque me sinto orgulhoso
de o meu dever cumprir?
Estou irremediavelmente
perdido no meu cansaço.
Sou um funcionário,
no fim de carreira,
à espera de gozar meus sonhos.

Fátima Paz



Serviços Administrativos

De Outubro de 1982 até hoje, só houve um ano de algum afastamento. As funções foram múltiplas: professora, “assistente social”, “apoio” de alguns alunos com deficiências físicas e respectivos professores que dificultavam as suas aprendizagem, “mãe”, amiga,... Reconheço que esta é minha segunda casa (às vezes a primeira), e que aqui estão (ou por cá passaram) muitos dos meus verdadeiros amigos.

Foi aqui que comecei a entender melhor o mundo que nos rodeia, a aprender coisas maravilhosas com os **meus** (realço, com orgulho meus) alunos deficientes (seriam?). Obrigada, Carlos, João, Zé Mário, Manuel António, Marília, Paulo, Guida, Teresa... Presto, também, homenagem à Escola que sempre me recebeu de braços abertos e me deu forças para, em momentos menos bons, continuar. O termo Escola engloba os órgãos directivos que sempre lutaram ao meu lado de modo a conseguir pequenos nada que se reflectiram em grandes coisas; os colegas que, apesar de receberem estes alunos com alguma apreensão, cerravam os dentes e, com um sorriso, iam para a frente... (lembras-te, Isabel, do teorema de Pitágoras com o esparguete da tua cozinha?); os funcionários que sempre se disponibilizaram para ajudar o Paulo na cantina, a Guida no balneário do ginásio, a Teresa com a sua “maquineta”...

Esta etapa acabou, reavivou-se a outra do ensino dito “normal”, que nunca mais foi igual ao que era; olhei os alunos de um modo diferente, aproximei-me mais

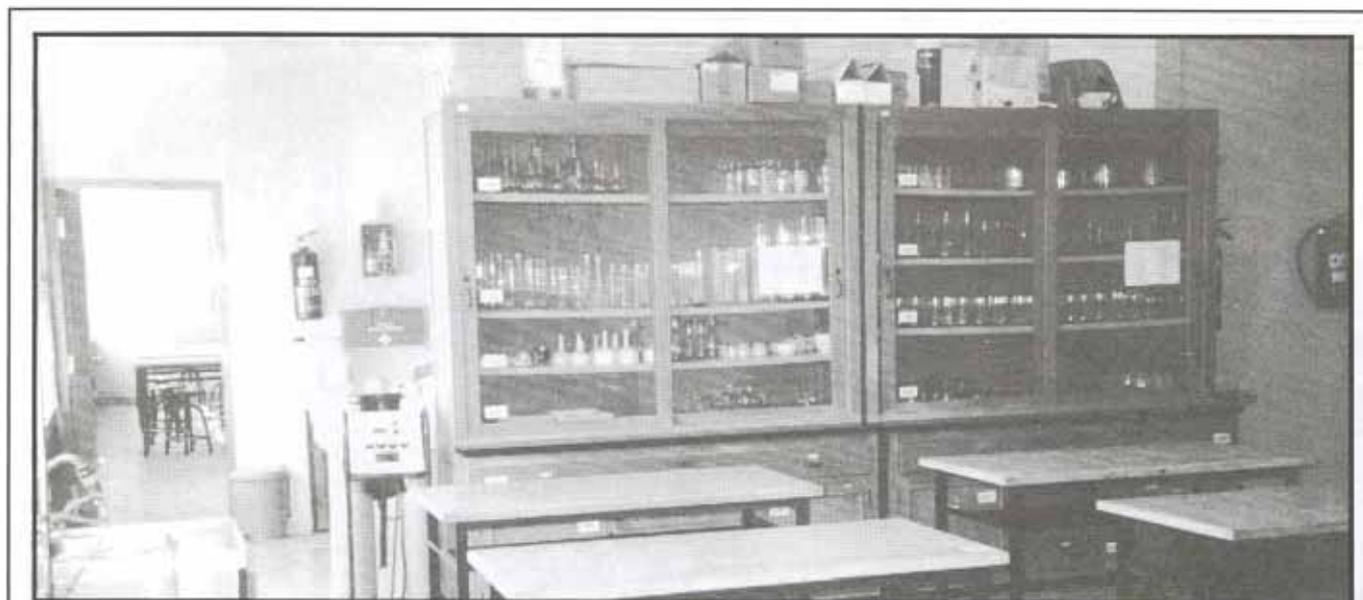
deles, ri e sofri com eles. A amizade que consegui estabelecer com os colegas, com os elementos de alguns Conselhos de Turma que se mantiveram quase inalteráveis durante alguns anos, com os próprios alunos, foi tão intensa que só poderia ter origem num espaço humano e físico como este.

E a viagem ao Alentejo com aquela maravilhosa hospedagem em Portalegre? Digna de príncipes... os casados de fresco tinham de atravessar o quarto de um casal menos novo para chegarem à rua; o elemento menos novo teve de percorrer uns metrinhos de passeio, com a toalha às costas, para ir tomar banho à “real hospedaria” onde estavam mais uns tantos instalados em camas de veludo... E a Santiago de Compostela?... E as batatas na areia na praia da Tocha? E o banho do Álvaro, por 1500\$00, nos “olhos” da Fervença, durante uma prova de cicloturismo? Bons tempos... Malditas globais que não nos têm dado espaço para estes devaneios.

Agrada-me trabalhar aqui: gosto de olhar o espaço exterior cada vez mais bem arranjado, gosto dos alunos, gosto dos colegas, gosto dos amigos, gosto daquele cantinho lá no bar... de tal modo que já me esqueci que há concursos, que há Escolas mais perto de casa.

Por aqui ficarei (espero eu), para sempre.

ISABEL CRISTINA



Laboratório de Química

Na minha adolescência dei valor
à paciência e sabedoria
dos meus professores.
Hoje, passados vinte anos,
ainda guardo as imagens
das horas felizes do meu Curso
Complementar do Liceu (1977/79).

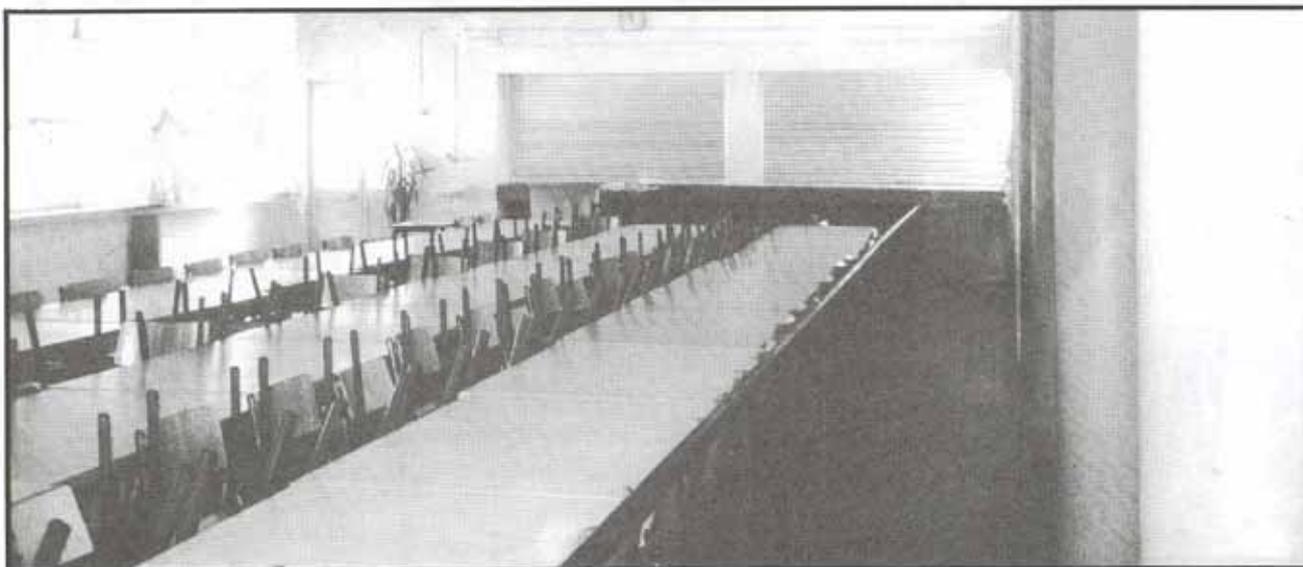
A professora
Isabel Maria Crespo Boiça Costa

SEGREDO DE VÊNUS

Quando morreu Gama, o Grande
Júpiter chamou Vénus prontamente:
Que Baco e Orfeu te ajudem, pobre
Filha, a esquecer o teu amor já morto.

Vénus sorriu estranhamente, então
Pelo céu inteiro. E disse: Pai,
O meu amor é o mar.

Joaquim Jorge Carvalho



Refeitório

VIVÊNCIAS...

Estávamos em Outubro de 1983. As Faculdades acabavam de lançar as últimas fornadas de alunos, ainda quentinhos, prontos a servir o Ministério da Educação, via mini-concurso. Levavam nessa altura, como única bagagem (em alguns cursos, pelo menos) apenas uma licenciatura.

Saído o resultado do concurso, apresentavam-se nas escolas onde tinham sido colocados com um ar aturdido e um olhar humilde, porém confiante. Afinal, era preciso assumir a responsabilidade!

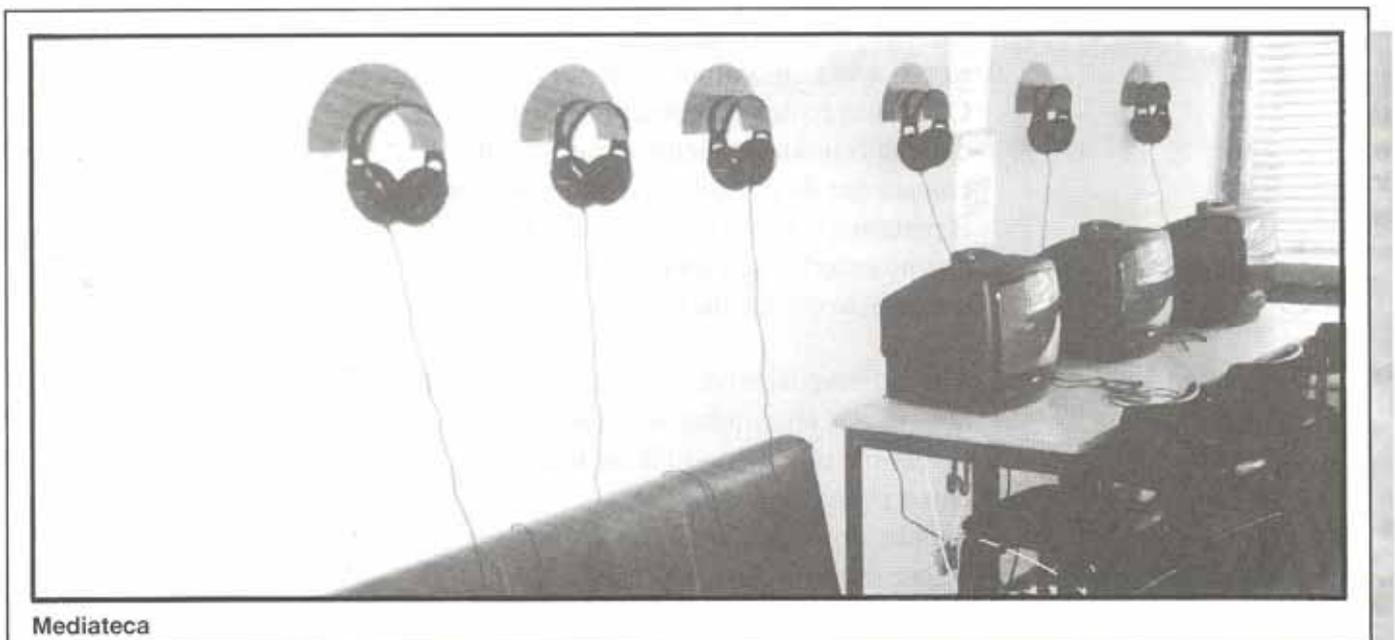
E a minha responsabilidade senti-a, ao entrar pela primeira vez, como professora, no Conselho Directivo da Escola Secundária de Cantanhede, onde fui simpaticamente acolhida. Compreendi que tinha, finalmente, de deixar para trás a menina que sempre fora e vestir a pele de “*stôra*”. Teria, doravante, que enfrentar outras plateias e outros actores. Conheci doutos

colegas, sempre prontos a encaminhar os mais novos nestas coisas de ensinar e de aprender. Foi, neste espaço, que durante os anos subsequentes, aprendi a crescer como professora, convivendo com a agitação dos alunos de dia e compreendendo as angústias e esperanças dos da noite, a sua luta contra o tempo para conseguir estar na escola a horas. Assisti à mudança de visual da menina Escola e à sua transformação em espaço culturalmente vivo, num renovado incentivo à criatividade de professores e alunos.

Os anos passaram e já vai fazer vinte anos que nasceu, marcando os que por ela passaram e que a ajudaram a crescer, sempre com o mesmo carinho, sempre com o mesmo empenho e dedicação.

É esta a imagem que dela guardo, desde que a conheço.

Madalena Toscano



Mediateca

CADERNO DIÁRIO DE EMOÇÕES

Recolher-vos, um a um,
no caderno das minhas memórias mais subtis
E dar-vos nome:
Ana?
Diana? .
Sara?
Rita?
Jorge?
Tiago?
André?
Nomear o ser irrepetível
que cada um de vós é ...

Que sonhos vos crescem nos cabelos?
Que futuro desenhais
com vossos pensamentos coloridos?
De que forma configurais o mundo,
ajudados pela minha mão?
Que construções ides abalando
nas vossas aparentes certezas,
precocemente sólidas?

Dais-me um olá atento e quotidiano,
enfeitado de sorrisos cúmplices,
e partilho convosco a alegria de ser eu !

Com as palavras esculpimos o pensamento
e com a voz ensaiamos o discurso das descobertas.
Os vossos rostos contornam-se, por vezes,
de uma felicidade quente e transparente,
como a luz de um sol em êxtases de Verão.
E percorro o vosso olhar dissolvido em luz,
que no exterior se espelha,
sedento de eterna claridade.

E o caderno diário das minhas memórias mais subtis,
que só nas entrelinhas se preenche,
revela-me uma tranquilidade leve
como penas de ave mansa,
inundando o meu futuro
de constante e plena esperança!

MARIA DE JESUS RALHA

ETERNO RETORNO

No fluir do tempo...
as memórias...
Lugares, pessoas, circunstâncias,
momentos inesquecíveis no tempo...
ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE.
Ano Escolar de 1982-83, 7º ano, Turma J, número 22;
1983-84, 8º ano, Turma A, número 24;
1984-85, 9º ano, Turma G, número 10;
1985-86, 10º ano, Turma D, número 27;
1986-87, 11º ano, Turma D, número 18;
1987-88, 12º ano, Terceiro Curso, número 18.
Terminava um ciclo...
no tempo – Junho 1988
no espaço – Sala 24
Lembro-me bem... uma aula de Filosofia...
Falou-se de Hegel, da dialéctica, do Eterno Retorno...
O tempo fluía...
DESEJEI VOLTAR!
Coimbra... Faculdade de Letras... 1989-1993.
Quanto tempo fluiu...
Ano Escolar 1993-94... primeiro dia de aulas...
Setembro... , Segunda-feira... , 11.30, sala 24, turma 10º 3A
Estes dados constavam no meu horário...
Professora Estagiária de Filosofia. ESCOLA SECUNDÁRIA DE CANTANHEDE.
Circunstâncias do Eterno Retorno...
Mas afinal,... o tempo flui: Julho de 1994...
De novo as minhas memórias, a saudade...
Enfim, o eterno retorno!
Ah! Voltarei...

Maria de Jesus Silva Assunção



Campo de Volei de praia

ESCOLA MAL AMADA, BEM AMADA!

Nasceu, há 20 anos, a Escola Secundária de Cantanhede, composta de dois blocos, oficinas, ginásio, cozinha, bar, secretaria, reprografia, SASE, polivalente e espaço envolvente.

Um grupo de funcionários assegura o serviço nos diferentes sectores de forma a satisfazer as necessidades.

Era uma pequena comunidade que, com o decorrer dos anos, foi aumentando de acordo com a evolução de uma grande vila que, há poucos anos, passou a cidade.

Na Escola, houve necessidade de substituir todo um trabalho essencialmente manual pelas novas tecnologias. O rodo e o pano deram lugar à máquina; a escrita manual e as máquinas (MESA e AZERT) deram lugar às eléctricas e aos computadores.

Há vinte anos ninguém sonhava com a Internet. Hoje, ela está ao dispor de todos....

O modo e a forma de convívio também

sofreram algumas alterações: uma escola outrora fechada, está actualmente aberta ao exterior, procurando um inter-relacionamento entre alunos, professores, funcionários, pais e comunidade envolvente.

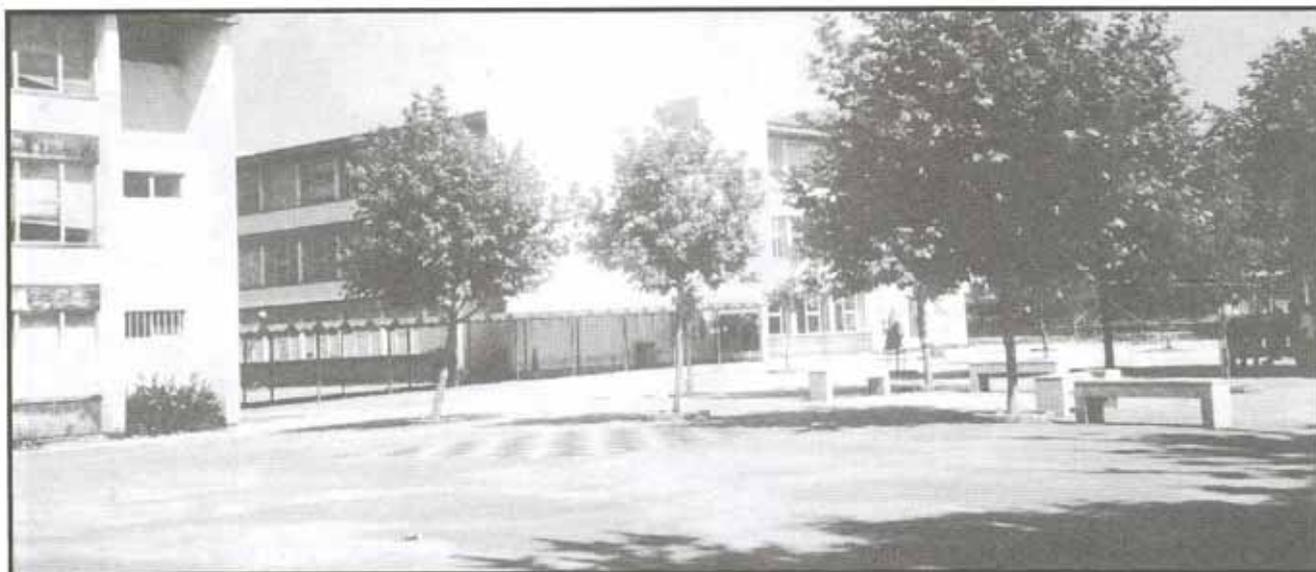
A escola não é mais um local em que a matemática era uma disciplina difícil e exigente onde era uso obrigatório o lápis e o papel quadriculado. Hoje as máquinas de calcular, facilitam muito.

É todo um recordar de um passado de uma Escola bem amada, para uns e mal amada para outros.

O perpetuar de momentos vividos na escola.

Como símbolo marcante, resta-nos recordar um passado glorioso, um futuro brilhante, passando por um presente actuante.

Pessoal Administrativo, Auxiliar e Operário



"Escola mal amada, bem amada!"

Queridos colegas em geral e estimados colegas da Comissão Organizadora em especial:

Que o **ÂNIMO**, a **FORÇA**, a **“GARRA”** continuem convosco.

A minha gratidão pelo comunicado tão antecipado das Comemorações dos 20 anos da nossa querida Escola.

(...)

Pois aí estive 1 ano, na qualidade de professora agregada do 11º B, precisamente há 20 anos. A primeira palavra que me ocorre é **GRATIDÃO** e a 2ª e 3ª e 4ª e ∞ªs estão com ela em pé de igualdade. No 1º dia de aulas a Escola brilhava, o chão era um espelho, os vasos de plantas imensos, verdejantes, recém regados aquando das apresentações nesse 1º dia de aulas. Estreei / estreámos aquele laboratório de Ciências - era uma luminosidade resplandecente como o nosso contentamento que perpassava na alma. Eram colegas do meu grupo a Glória Matos que ainda está comigo e a Maria José Faria (passados anos - pintora Naif, célebre com várias exposições no País, incluindo-se nas colectivas em Cascais e que também esteve largos anos no D. Duarte), a Luísa Urbano... Quanto a alunos recordo-me do celeberrimo 9º B

(“terríveis” ...) cuja D.T. era precisamente a Zé Faria que, não sendo meus alunos tinha lá o meu sobrinho mais velho (Carlos Fernando), e celeberrimo porque algumas raparigas resolveram fugir para Espanha, sem nada dizerem, nem aos pais, e a Presidente do C.D., grávida quase no fim do tempo, pôe-se à estrada no seu B.M.W. (um pouco usado) com um dos pais, tendo telefonado previamente para as estações e fronteira. Regressaram da Guarda com o carro cheio. Iam então para a Espanha, “ganhar algum” com a aventura duma adolescência sonhadora!...

Volvidos anos, em 1991, sendo sócia da A.M.I. (Assistência Médica Internacional), sou desafiada a partir em missão humanitária (a 1ª) num orfanato na Roménia. Fui numa 2ª, três meses e uma semana. Única e exclusivamente falo nisto, porque antes, em Maio, desenvolveram uma importante exposição no Polivalente onde se angariaram fundos e não só ... (Vão as quatro fotografias com algumas explicações (...)) já que me é pedido um testemunho fotográfico.

(...) Não posso estar presente dia 27 de Junho, por estar longe. Desejaria mesmo, mas...

Para Vós todos e para cada um, aquele **ABRAÇO**.

Urtélia



Oficinas

CAPACIDADE POLARIZADORA DA ESCOLA

Introdução

No início do ano lectivo prestes a findar, alguém sugeriu a comemoração dos 20 anos do actual edifício da Escola Secundária de Cantanhede, no âmbito do Plano de Actividades da Escola "Gerir a diferença, gerar o encontro".

A ideia vingou, uma comissão foi formada para organizar condignamente as celebrações e, entretanto, os grupos disciplinares foram convidados a participar de modo como achassem mais conveniente.

O nosso grupo, o 11º A, mais conhecido pelo pessoal da Geografia, é pequeno (neste ano somos apenas 4), mas constituído por gente boa, ainda capaz de fazer algumas coisas por carolice. Assim, pensámos e a ideia surgiu: por que não fazermos uma análise simples da capacidade polarizadora da Escola? O tema pareceu simpático, de alguma forma ligado aos nossos saberes, compatível com as disponibilidades do grupo e se calhar também seria interessante para os restantes colegas. É o resultado do nosso pequeno trabalho, da nossa reflexão que aqui vos deixamos.

Um trabalho desta natureza só seria viável se pudessemos dispor de dados que lhe servisse de base. Por isso, dirigimo-nos ao Órgão de Gestão, que na pessoa do Director Executivo autorizou o acesso ao ficheiro da Escola. Pela abertura demonstrada, segue os nossos agradecimentos.

Queríamos também deixar uma palavra de agradecimento aos Senhores Funcionários da Secretaria pela forma amável com que sempre nos receberam, apesar de por inúmeras vezes lhes termos interrompido o normal funcionamento dos seus trabalhos. A todos, um muito obrigado.

Metodologia

Era nossa intenção tentar verificar até que ponto a Escola Secundária de Cantanhede tinha tido capacidade de atracção nos professores, estando conscientes que essa capacidade atractiva está fortemente condicionada pelos mecanismos e regras do concurso de professores.

O caminho que se nos perfilou mais adequado,

foi procedermos à análise do local de residência de cada professor que ao longo dos últimos vinte anos leccionou na Escola, a fim de se detectar alguma eventual alteração neste intervalo de tempo.

Se partirmos de uma média de cem professores por ano, teríamos de consultar à volta de 2000 fichas, tantas quantos os professores neste período de 20 anos, o que nos pareceu pouco exequível face à escassez de tempo que sempre nos atormenta, apesar de sabermos que muitos colegas se mantêm na Escola durante vários anos, o que iria reduzir o número de fichas a examinar.

Ponderadas as limitações atrás enunciadas, parece-nos que a melhor forma de ultrapassar o problema era o recurso a uma amostra. Para tanto, elegemos o método de amostragem sistemática como caminho, especialmente fruto da sua simplicidade, se bem que estejamos conscientes do risco que este método encerra.

Escolhemos um intervalo de 5 anos, por nos parecer que iria proporcionar uma amostra suficientemente representativa da população, ao mesmo tempo que era de possível realização. Assim, definimos os anos lectivos de 1977-78 (inauguração do edifício de Escola), 1982-83, 1987-88, 1992-93 e 1997-98 como aqueles sobre os quais recairia a nossa análise.

Mas que dados usar? O local de nascimento teria significado? Talvez nalguns casos não. Então optámos por utilizar o local de residência como referencial em relação à Escola. A base do local de residência foi o concelho, apesar de, no caso do concelho de Cantanhede, termos desagregado os dados ao nível da freguesia. É bom registarmos que nem sempre foi possível saber o local de residência de alguns professores, pelo que surge sob a designação de desconhecida.

As técnicas de representação dos resultados não inclui nenhum mapa, ao contrário do que seria de supor no caso de geógrafos, mas a dispersão dos lugares de residência obrigaria à utilização de uma escala muito pequena, tornando difícil a representação dos dados, ao mesmo tempo que perderia eficácia na transmissão da mensagem.



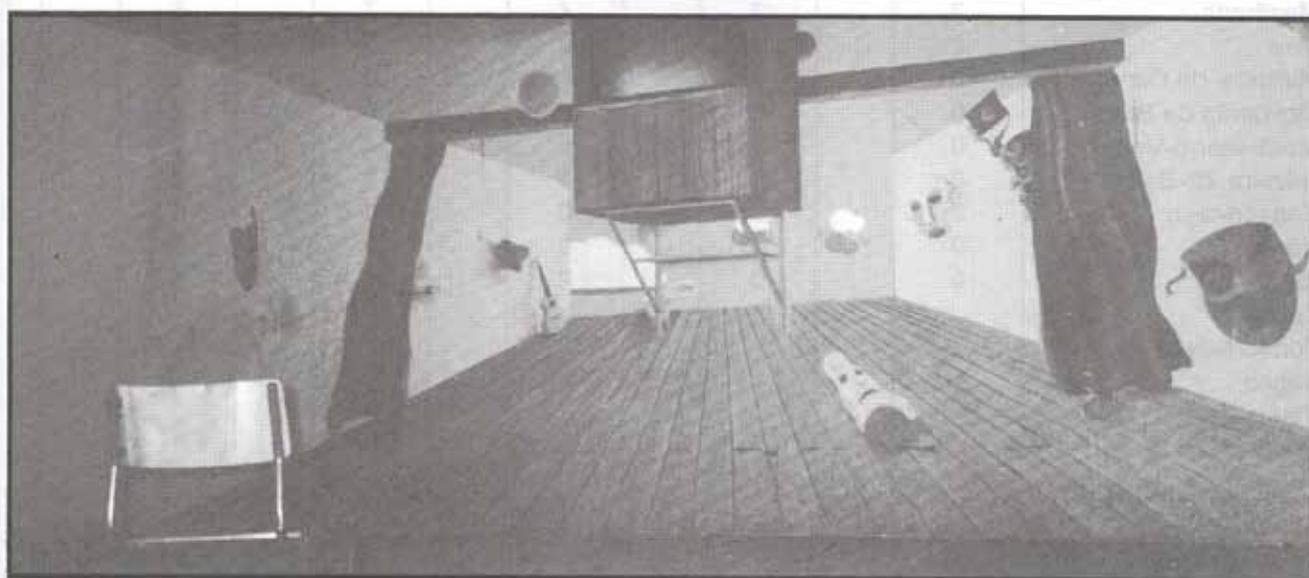
Mediateca / Estúdio de som e imagem

Resultados

Os resultados encontram-se condensados no Quadro 1. Aí, é possível verificar o local de residência dos professores em alguns dos últimos 20 anos, aparecendo o concelho de Coimbra claramente destacado, seguido do concelho de Cantanhede. No entanto, é de frisar o aumento significativo do concelho

de Cantanhede como local de residência, quer em termos absolutos, quer em termos relativos.

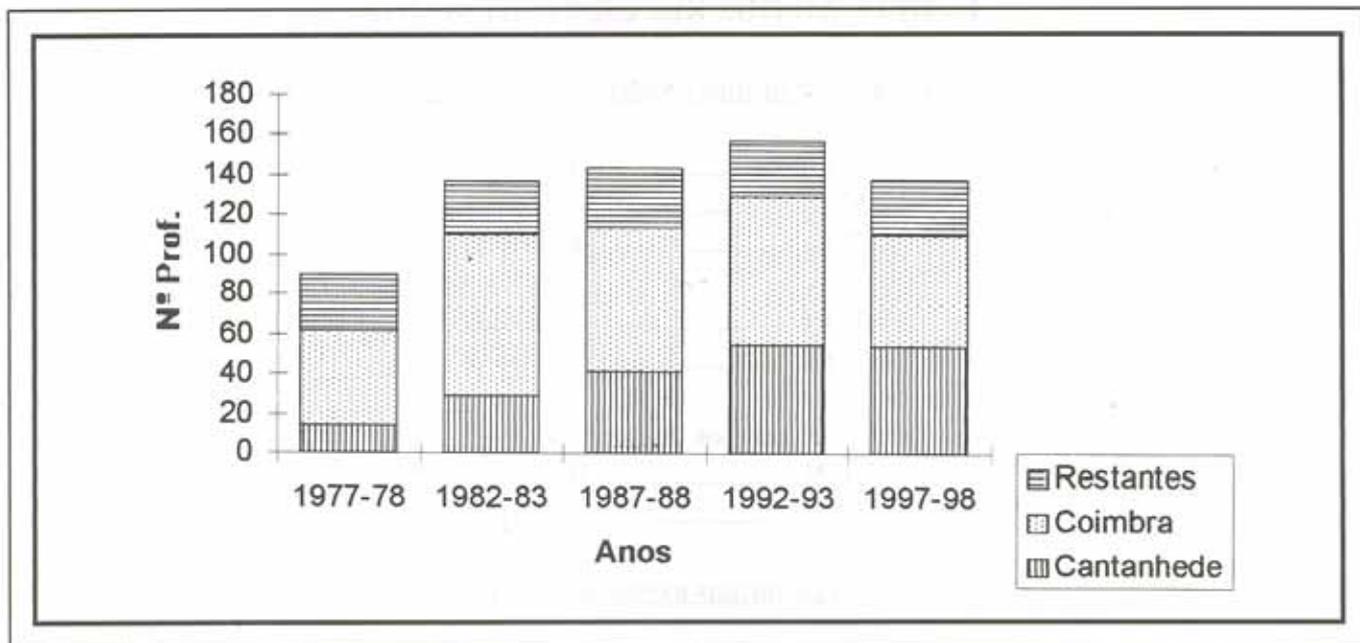
Pontualmente, surgem residências tão distantes como Abrantes, Guarda ou Caldas de Vizela. Trata-se, certamente, de casos de professores estagiários, ainda sem residência definitiva, que forneceram as residências dos pais.



Palco do Polivalente

Quadro 1

Áreas Geográficas	1977-78		1982-83		1987-88		1992-93		1997-98	
	N.º Prof.	%								
Ançã	1		3		4		8		11	
Cadima	0		2		6		6		7	
Cantanhede	11		20		24		34		28	
Cordinhã	0		1		0		1		2	
Covões	0		0		1		1		0	
Febres	1		3		3		2		1	
Murtede	0		0		3		1		1	
Outil	0		0		0		0		1	
Pocariça	1		0		0		0		0	
Portunhos	0		0		0		0		1	
Tocha	0		0		0		2		1	
Vilamar	0		0		0		0		1	
Concelho Cantanhede	14	15.6	29	21.2	41	28.5	55	34.8	54	39.1
Abrantes	0		1		0		0		0	
Águeda	1		0		0		1		0	
Almeida	0		0		0		0		1	
Anadia	0		1		0		1		2	
Aveiro	0		0		0		3		0	
Caldas de Vizela	0		0		0		0		1	
Coimbra	48	53.3	81	59.1	73	50.7	75	47.5	56	40.6
Esposende	0		0		1		0		0	
Estarreja	0		0		0		1		0	
Figueira da Foz	1		0		2		3		1	
Guarda	0		0		0		0		2	
Lousã	0		1		1		0		0	
Mealhada	2		3		4		7		6	
Mira	1		4		3		3		4	
Miranda do Corvo	0		0		0		0		1	
Moimenta da Beira	0		0		0		0		1	
Montemor-o-Velho	0		1		5		4		5	
Oliveira do Bairro	0		0		1		1		2	
Penacova	0		0		0		0		1	
Porto	0		1		0		0		0	
Satão	0		0		0		1		0	
Tábua	0		0		0		0		1	
Torres Novas	0		0		0		1		0	
Vagos	0		2		0		2		0	
Viseu	0		1		0		0		0	
Desconhecida	23		12		13		0		0	
Total	90		137		144		158		138	



Conclusões

A primeira conclusão a tirar é que a maioria dos professores que trabalharam na Escola Secundária de Cantanhede neste período de tempo residia no concelho de Coimbra.

A outra conclusão importante é que, a pouco e pouco, a Escola tem conseguido atrair os professores do concelho e para o concelho (Figura 1), patente no aumento dos docentes a residirem no concelho de Cantanhede.

É de igual modo interessante referir que, no ano lectivo de 1977-78, apenas cerca de 33% dos professores residentes no concelho de Cantanhede haviam nascido nesse concelho. Vinte anos depois, aquele valor subiu para cerca de 61%, o que comprova o aumento do número de nascidos no concelho de Cantanhede que conseguiram tirar um curso superior. A este respeito, é de acrescentar que a entrada em funcionamento de mais duas Escolas oficiais no concelho (Tocha e Febres) terá, eventualmente, contribuído para que a percentagem de professores da Escola Secundária de Cantanhede nascidos neste concelho não seja ainda maior.

A análise de dados a nível de grupo disciplinar

era capaz de conduzir a resultados engraçados mas ficará, porventura, para uma outra oportunidade.

11º grupo A



EVOLUÇÃO DOS RECURSOS HUMANOSNúmero de turmas existentes em 1977/78:

7º ano 11 turmas
8º ano 11 turmas
9º ano 6 turmas

1º CC 4 turmas
2º CC 3 turmas

(cursos nocturnos)

CGN 10 turmas
CCN 1 turma

Número de turmas existentes em 1997/98

10º ano 18 turmas
11º ano 13 turmas
12º ano 15 turmas

(cursos nocturnos)

SEUC 4 turmas
SEC-R 4 turmas
SECR-TC 3 turmas
12º ano 1 turma

Número de Professores em 1977/78: 90Número de Funcionários em 1977/78:

- Administrativos: 3
- Auxiliares: 22
- Operários: 3
- Técnicos: 2

Número de Professores em 1997/98: 138Número de Funcionários em 1997/98:

- Administrativos: 14
- Auxiliares: 28
- Operários: 7
- Técnicos: 1

NÃO FALTARAM...

Professores e Funcionários

Abel Jesus Carvalho	Dulce M ^a Simões	Júlia M ^a Machado Seiça
Adelaide Espírito Santo	Dulcília Pereira Gomes	Julieta Gonçalves Marques
Adérito Estanislau	Elisabete Lopes Fagulha	Laura Costa
Adérito Sargento	Elsa M ^a Caçador Viegas	Leonor Melo
Adriana Isabel G. Seabra	Elsa Maria Afonso	Licínia Dias
Alda Marques	Emília Eliseu	Lídia Mendes
Aldora Cunha Manso	Emília Maria Nogueira Torres	Lídia Pinheiro
Alice Gaspar	Emília Reis	Litério Monteiro
Álvaro Costa	Ercílio Augusto Gonçalves	Lorival Parente
Alzira M ^a Seco Jaria	Ernesto Caceiro	Luciana R. Xambre Marques
Amélia Dique	Eugénia M ^a F. Dias	Luís Manuel U. Ala
Amélia Ribeiro	Fátima Ramos	Luísa Vicente
Américo Lopes Rocha	Fátima Marques	Lurdes Falcão
Ana Bela Carvalho	Fausto Barros Silva	Madalena Toscano
Ana Cristina M. Vaz	Fernanda Jorge	Manuel Domingues Ribeiro
Ana Luísa P. G. Batista	Fernando Ferreira Catarino	Manuel Cruz Oliveira
Ana M ^a Jordão Aires	Fernando Gonçalves	Manuel de Jesus
Ana Paula Mouro	Fernando M. C. Abreu	Manuel Oliveira Andrade
Ana Paula Santos Martins	Fernando O. Sacarrão	Manuel Oliveira Azenha
Anabela Veloso	Florbela Santos	Manuel Sousa Pinho
Anabela Batista C. Sotaia	Fortunata M ^a C. Cruz	Manuela Miranda
Anabela M ^a Lima Almeida	Francisco Vaz João	Manuela Banhudo
Ângela Ralha	Gina Tracana Santos	Manuela Monteiro
António Apolinário S. Carvalho	Helena M ^a . S. Figueiredo	Margarida Lameiras
António Bastardo	Helena Nolasco	Maria Adelaide Agante
António Cabral	Idalina Nicolau	Maria Alice Cordeiro Alves
António J. P. Gonçalves	Isabel Alves Santiago	Maria Alice Paixão
António José Ferreira	Isabel Cristina	Maria Carmo Ordonhas
Arcílio Oliveira	Isabel M ^a Brito Moura	Maria Emília Pinto Oliveira
Arminda Calhau	Isabel M ^a Crespo Costa	Maria Fátima Rodrigues
Augusto Gaspar	Isabel M ^a Fresco Pião	Maria Helena F. Carneiro
Aurélio Malva	Isabel Maria Ramos	Maria Conceição Sacarrão
Branca Azevedo	Isabel Sá	Maria Alcides Carvalho Moura
Carlos Alberto Freire	João Augusto Barreto	Maria Celeste Ferreira Silva
Carlos Catarino	João Lucas	Maria Conceição Jesus
Carlos Pedro Santos	João Luís Nunes	Maria Conceição Marques
Carlos Ramos	João Manuel N. C. Vaz	Maria de Lurdes Boavida
Carolina Sousa	João Manuel R. Fernandes	Maria Delfina Cruz
Catarina Isabel S. Ralha	João Resende	Maria do Céu P. Pimentel
Catarina Marques	Joaquim Jorge Carvalho	Maria Dulce Sancho
Cecília Josefina Nunes	Jorge Saraiva	Maria Emilia S. Laranjeiro
Celestino Reis	José António Baía	Maria Eugénia A. Rodrigues
Célia M ^a S. Neves	José Coelho	Maria Eugénia C. M. Lemos
Céu Martins	José Luís Câmara Alves	Maria Fátima Aires L. Costa
Clara Madeira	José Paixão	Maria Fernanda F. Soares
Clara Póvoa	José Pereira Raposo	Maria Fernanda Carvalho
Cristina M ^a L. Mortágua	José Santos Pimenta	Maria Graça Costa
Dina Fernandes Morais	José Silva Jorge	Maria Graça Pratas
Dorinda Santos Teixeira	José Virgílio Toscano	Maria Irene Alvim

Maria Isabel Pimenta Melo
 Maria Jesus Assunção
 Maria Jesus Ralha
 Maria João Anjo
 Maria João Saltão
 Maria Laura Castro Nunes
 Maria Leonor Pessoa M. Reis
 Maria Luísa A. Simões
 Maria Lurdes G. Costa
 Maria Lurdes Otero Costa
 Maria Manuela Matos
 Maria Reyna M. Cruz das Neves
 Maria Teresa Nunes Loureiro
 Maria Vitória
 Marília Nazaré Páscoa
 Marília Oliveira
 Mário Cartaxo
 Mário Fernando Pires

Mário Idílio
 Mário Manuel Pedrosa
 Mário Pratas
 Natália Gonçalves
 Noémia C. Branco
 Olga Lobo
 Orlando Neto
 Palmira S. Albuquerque
 Palmira Santos
 Paula Corga e Silva
 Paula Costa
 Paula Duarte
 Paula Rocha
 Paulo Fernando Simões Melo
 Paulo Jorge Leite
 Pilar Carreira
 Raquel Blanco
 Raquel Grilo

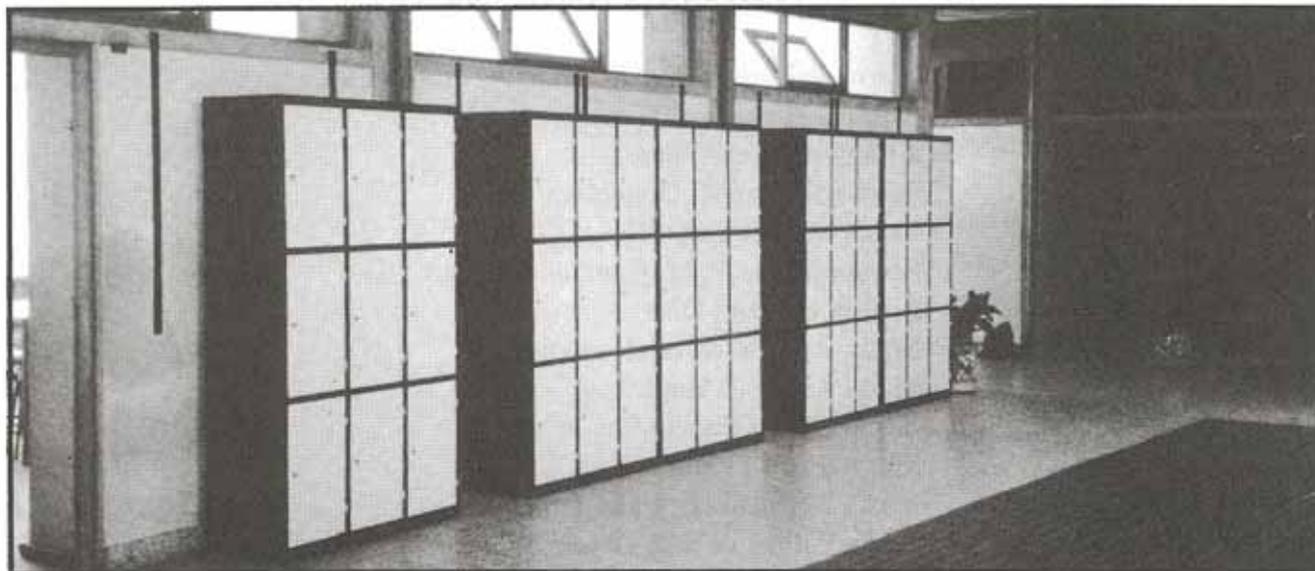
Regina Domingues
 Rosa Henriqueta Capêlo
 Rosália Alexandra Prior
 Rosalina Carmo Correia
 Rui Jaria
 Rui Miguel Alegrio
 Sara Oliveira
 Sérgio Manuel Branco
 Sidónio Couceiro
 Sofia M^a Cadete Reis
 Susana Ferreira
 Teresa Maria S. Sacarrão
 Vera M^a V. Repolho
 Vítor Gomes
 Yolanda Menezes
 Zélia Rocha

Alunos e Ex-alunos

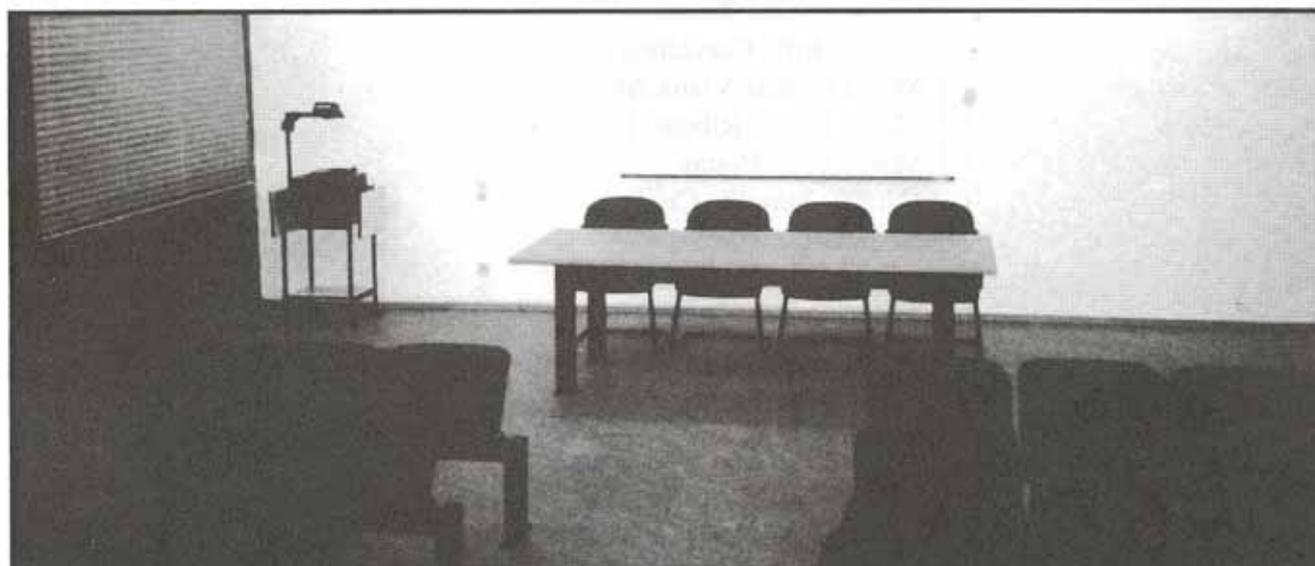
Adriana Isabel S. Cruz
 Adriana Pascoal Nogueira
 Alice Margarida Cardetas
 Alexandre C. Trindade
 Ana Cristina R. Cadima
 Ana Lúcia Guimarães
 Ana Rita Martins A. da Silva
 Ana Rosa Mineiro Gaio
 Andreia Isabel F. Lopes
 Augusto Silva Ramos
 Bruno Miguel N. Laranjeira
 Camilo Mendonça Araújo
 Carlos António Veloso
 Carlos Miguel Castelo Branco
 Catarina Caixeiro Costa
 Catarina Barreto
 Catarina Pessoa Mendes
 Clara Margarida Vaz
 Cristóvão José Oliveira
 Dora Cristina Costa Ferreira
 Dora Cristina M. Neves
 Duarte Jorge V. Lourenço
 Fátima Proença
 Fernando Manuel Oliveira
 Filipe João Araújo
 Isaura Maria N. Santos
 Jacinto Marques Costa
 Joana Padilha
 João Paulo T. M. Nogueira
 João Paulo Fonseca Ferreira
 José António Vieira
 José Carlos M. Jesus

José Miguel Oliveira Matias
 Juliana Duarte Lopes
 Leonor Malva Salguinho
 Liliana Catarina S. Lourenço
 Liliana Patrícia G. Santos
 Luís Alberto Mineiro Dias
 Luís Guilherme Araújo
 Mafalda Almeida O. Bessa
 Magda Alexandra P. Silva
 Mamede J. Coutinho
 Marco André V. Lourenço
 Marco José Bessa Mendes
 Marco Paulo Póvoa
 Maria do Céu Oliveira Cruz
 Maria Helena R. M. Couceiro
 Maria José Oliveira
 Maria Lurdes Mendes Silva
 Maria Lurdes Reis
 Mário Alexandre Marques
 Marta Grilo
 Messias M. das Neves
 Miguel Simões
 Mónica Gil G. Sebastião
 Patrícia Salomé M. Neves
 Patrícia Salomé Reis
 Paulo Gaspar
 Paulo Jorge Gaspar
 Paulo Jorge L. Taraio
 Paulo Manuel R. Pereira
 Pedro Jorge F. Macedo
 Rui Manuel A. Caetano
 Sandy Maria Batista

Sónia Catarina C. Oliveira
 Sotero Domingues Pedrosa
 Vera Lisa M. Crisóstomo
 Vítor Patrício
 Atino Santos
 Márcio Cruz
 Regino Bilro
 Rui Cavaleiro
 César Simões
 Inês Paiva
 Sérgio Maio
 Celso Domingos
 Ana Isabel Meneses
 Ana Isabel Vidal
 Ana Marta Gaspar
 Tânia Lopes
 Viviana Ferreira
 Ana Rita Santos
 Alexandre Arribança
 Ana Marina Fernandes
 Liliana Rato
 Leslie Figueiredo
 Rui Rodrigues
 Sofia Catarino
 Eduardo Melo
 Paulo Rodrigues
 Tiago Mamede
 Mónica Pinho
 Hugo Moço
 Pedro Gaio
 Rui Mendes
 Ana Isabel Guerra



Átrio do Bloco par



Auditório

AGRADECIMENTOS

A Comissão Organizadora agradece a colaboração prestada por todas as pessoas que quiseram contribuir para que esta festa se realizasse. Não gostaríamos de referir nomes, para evitar esquecimentos involuntários, mas queríamos demonstrar o nosso apreço aos alunos que colaboraram em algumas das actividades propostas (criação do logotipo, realização da medalha, gravação do CD, animação da festa, serviço de apoio à festa); aos amigos que “perderam” algum tempo para escrever as suas “memórias”, para cantar e para declamar no nosso CD, para estarem presentes no convívio; ao ex-aluno que concebeu o nosso cartaz; aos “técnicos” de informática que aturaram a nossa ignorância nesses meios; às Escolas EB2, 3 de Cantanhede e de Febres; à Junta de Freguesia de Febres; às colectividades e grupos participantes na festa e dirigir um especial OBRIGADO à Câmara Municipal de Cantanhede que apoiou a iniciativa, disponibilizando meios financeiros e logísticos que permitiram que tudo isto se realizasse.

COMISSÃO DE HONRA:

Maria de Lurdes Boavida Araújo (Presidente)
Adérito Miranda Sargento
Almira da Costa Pato
Fernando Manuel Gonçalves
Isabel Maria Crespo Boiça Costa
Leonor Maria C. M. Campos de Melo
Licínia Oliveira Dias
Maria Alice Sacarrão Requejo
Maria Amélia Maia Dique
Maria Clara Oliveira Póvoa
Maria do Céu Nunes Melo
Maria Delfina Freire Cruz
Maria Fátima de Jesus Marques
Maria Fernanda Cruz Carvalho
Maria Isabel Santos
Maria Manuela Banhudo Cruz
Maria Nazaré Taraio
Maria Otília Carvalheiro Valente
Maria Regina Viana Almeida
Maria Teresa Ribeiro Fonseca
Mário Silva Pratas
Natália Almeida Cruz
Noémia Castelo Branco
Raquel Sobral Blanco



